

Público
P2



Aprende-se
cada vez mais
a língua de
Camões no
país de
Cervantes

P4 a 11

Índice

4 **Reportagem**
“Das costas voltadas para a descoberta”
 Na Extremadura espanhola aprende-se cada vez mais português

12 **Testemunho**
 Centenário de Lindley Cintra: acima de tudo, um professor

14 **Ângela, campeã do mundo de matraquilhos**

Não vale tudo, não



Protopia
Graça Castanheira

Entre nós, o *Secret Story* (SS) – variante do *Big Brother* (BB) – tem um sucedâneo, *O Desafio Final*, onde se reúnem concorrentes de outras edições, num tira teimas de quem é verdadeiramente o melhor concorrente de todos. Tal como o BB, o SS tem uma audiência média de um milhão de portugueses.

Em 2022 surge no BB um concorrente, Miguel, um “tuga” provocador e irritante, que acaba por ganhar o cognome de “diabo loiro”, de tal modo consegue ser “mauzinho”. O que foi surpreendente – imagino que até para o próprio – foi ter-se vindo a verificar que quanto mais disruptivo o diabo era, mais o público, ou a produção, o mantinham na casa, expulsando, sim, todo e qualquer concorrente que contra ele se insurgisse. De tal modo que acaba por vencer o programa, com uma votação de 73%.

O Miguel está de regresso, agora em versão Lúcifer moreno e com uns quilos a mais. Entretanto, foi pai e as redes sociais perguntam: “A paternidade tê-lo-á humanizado?” Ora, o Miguel está mais diabólico do que nunca. Mente, provoca, azucrina, espalha boatos, deprime, humilha, faz intrigas, grita, difama, tornando-se o centro de todos os conflitos – é dele que se fala. Os alvos preferenciais, tal como já o eram na edição anterior, são as mulheres e, entre estas, as mais frágeis. É a própria comentadora Cinha Jardim, grande fã do “jogo fantástico do Miguel”, quem, numa visita à casa, lhe sugere que se meta também com os rapazes – mas ele ignora-a.

Recentemente, o Miguel mentiu com quantos dentes tem e a seguir jurou pelo seu filho que dizia a verdade. Quando os outros se indignam perante o envolvimento do seu rebento numa jura mentirosa, Miguel grita-lhes, ameaçador: “Tu não falas do meu filho!” Vira o bico ao prego, mas sem arte ou vergonha: limita-se

a semear o caos porque sabe que este vende. Pode até dizer-se que o “diabo loiro” é o primeiro verdadeiro populista dos *reality shows*. Cada anúncio no intervalo destes programas, está potencialmente exposto a um milhão de consumidores. Interessa portanto a fotogenia do conflito: quanto mais sangue, mais capital. O Miguel percebeu que é necessário e está apenas a fazer o trabalho que lhe é pedido, tal como o entende.

Alguns comentadores do programa são muito críticos do “tipo de jogo do Miguel” alertando para o possível fim dos *reality shows* tal como os conhecemos. É um pouco cómico, mas significativo, que o façam com a mesma *gravitas* com que muitos de nós falamos dos perigos que corre a democracia. Mas há também comentadores a dizer que não há nada no contrato que o Miguel assinou, ou nas regras do jogo, que o proíba de assim agir: ele é maravilhosamente livre. Pois, aí reside o problema. Cláudio Ramos, despede-se dizendo: “Não façamos julgamentos ao que se passa lá dentro, são apenas pessoas a viver uma experiência que a grande maioria gostaria de viver”, para de seguida lembrar que “estão todos de livre vontade dentro da casa e a porta está aberta para saírem”. Tipo: “Quem está mal, mude-se”.

O facto de a TVI não ser um canal de serviço público não obsta a que seja consciente do impacto social dos seus programas e que os regule. Deixar que a psicopatia se torne numa poderosa arma de sucesso num *reality show* legitima as forças que hoje – no Parlamento nacional e mais além – propõem uma renegociação das regras de boa educação e bom trato que há muito coletivamente consagramos. A TVI deveria assumir-se como um canal pop e saber distanciar-se desse movimento opressivo, malcriado e mata-alegrias, onde vale tudo. E quanto antes, se é que ama a democracia.

Realizadora

Desalinho
Cristina Sampaio



A seguir

Cimeira de emergência da Liga Árabe sobre a Faixa de Gaza



A ficção e a realidade

Há a ficção criada por inteligência artificial para vídeos virais nas redes sociais e a há a realidade. A ficção mostra líderes recém-eleitos embriagados com a conquista do poder e a ilusão de predestinação divina para espalhar o seu controlo, a sua imagem e os seus negócios pelo mundo, pequenas parcelas de terrenos à beira-mar incluídas; a realidade mostra como uma população de cerca de dois milhões de pessoas (que vive numa pequena parcela de terreno à beira-mar) ficou sem as mais elementares condições de vida em pouco mais de um ano, depois de uma guerra em

modo contra-ofensiva levada a cabo por Israel contra o grupo terrorista Hamas, que domina a Faixa de Gaza. Neste labirinto, entre a ficção que ameaça tornar-se realidade e a “realidade real”, há quem tente pôr mãos à obra e reconstruir Gaza para que os palestinianos possam voltar a ter um quotidiano, um horizonte de possibilidades. É isso que estará em cima da mesa na cimeira árabe de emergência desta terça-feira, que reunirá os líderes dos 22 países da Liga Árabe e que discutirá os termos da reconstrução da Faixa de Gaza.
 S.B.G.

22 **Estar bem**
Um surpreendente benefício para a saúde quando bebe chá

23 **In memoriam Mel Bochner**
Um pioneiro e um crítico do conceptualismo

24 **Crónica**
Guia rápido dos nomeados para o Óscar de Melhor Filme 2025

Ficha técnica
Director David Pontes
Directora de Arte Sónia Matos
Editor Sérgio B. Gomes
Designer Marco Ferreira
Email sgomes@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

Nenhum deus o transformará em flor



*Tanto faz
não é resposta*
Carmen Garcia

A versão mais conhecida do mito de Narciso apresenta-o como um jovem extremamente bonito que despertava fortes paixões naqueles que o rodeavam, inclusivamente nas próprias ninfas. Acontece que, muito orgulhoso e arrogante, ele desprezava todos os que se atreviam a mostrar-lhe o seu amor, pois ninguém lhe parecia suficientemente bom para merecer a sua afeição. Então, para o castigar, a deusa Némesis condenou-o a apaixonar-se pelo próprio reflexo. Esta paixão, mais do que um simples castigo, acabou por ser o gatilho para a morte de Narciso uma vez que, não conseguindo deixar de olhar para a sua imagem reflectida nas águas do rio, acabou por definhar. No mito, a deusa Némesis transformou o corpo do jovem numa flor que baptizou com o seu nome. Na vida real que, seguramente, terá um final menos romântico, desconfio que em pouco tempo saberemos como termina uma história que se assemelha a esta em demasiados pontos. E, sim, esta crónica é sobre Donald Trump.

Muito se tem escrito e falado sobre o Presidente dos EUA, verdade? Nem sei bem quantas notícias e quantos artigos de opinião já li sobre a sua vontade de ferir de morte a União Europeia, sobre as taxas comerciais que impôs, sobre a sua relação com a Rússia, sobre a tentativa de controlar a comunicação social ou sobre as purgas que tem promovido com a ajuda do seu fiel escudeiro Elon Musk. E se todas estas questões são importantes, por serem sinais claros de que os EUA se preparam para abraçar a autocracia, há uma coisa de que temos falado muito menos, mas que me parece ainda de maior importância: a saúde mental de Donald Trump. Se bem se lembram, durante a fase inicial da campanha para as presidenciais dos EUA, Joe Biden fez afirmações e teve alguns comportamentos que

deixaram o mundo a questionar a sua integridade cognitiva. Suspeitou-se de que se estaria a instalar no Presidente um provável quadro demencial e, assim sendo, não estariam reunidas as condições para que pudesse manter-se no exercício do cargo. O barulho das dúvidas tornou-se de tal maneira ensurdecedor que Joe Biden foi forçado a recuar e a deixar Kamala Harris entrar em cena.

Kamala, convenhamos, era uma candidata com muitas fragilidades. Tantas fragilidades que a sua maior qualidade, de facto, era não ser Donald Trump. Infelizmente, pelo menos para a parte livre e democrática do mundo, essa qualidade não foi forte o suficiente para que o povo norte-americano a elegeisse. E agora somos nós todos a lidar com as consequências.

Mas, antes que me perca, deixem-me voltar ao ponto central desta minha pequena dissertação. Joe Biden recuou porque, aparentemente, não teria condições neurológicas para ocupar aquele que é, talvez, o cargo mais importante do mundo. A pergunta que gostaria de colocar é se, por acaso, alguém pensou no mesmo relativamente às condições psiquiátricas de Trump.

Lembro-me que, em 2017, um grupo de psiquiatras e psicólogos norte-americanos enviou uma carta ao *New York Times* onde abordava esta questão. Nessa carta, sem nunca falarem em diagnósticos, os especialistas afirmavam que a instabilidade emocional de Donald Trump, que se reflectia em actos concretos de governação, o tornava “incapaz de servir com segurança como presidente”. Por alguma razão que desconheço, contudo, esta carta não pareceu levantar as preocupações que se esperariam.

Durante o primeiro mandato de Trump, o reputado psicólogo americano John Gartner – foi durante três décadas professor na Universidade John Hopkins – redigiu também uma petição a pedir o afastamento do Presidente

*Apaixonado
por si próprio e
embevecido
com o seu
próprio reflexo,
Trump vai
acabar por ser
engolido pelas
decisões
inconsequentes
que toma e
cujas
repercussões
parece
minimizar ou
ignorar de todo*

a quem não hesitou em diagnosticar com transtorno de personalidade paranóide e narcisista. Referiu ainda, várias vezes, que o perfil psicológico de Trump é semelhante ao de Hitler. E se no primeiro mandato esta afirmação poderia ser considerada exagerada, como é que podemos rebatê-la agora que todos vimos o vídeo de ficção “Trump Gaza” que o próprio partilhou na rede social de que é dono?

Esse vídeo, aliás, tem de merecer a nossa atenção porque é revelador daquilo que é Trump. Imagino que já não haja ninguém que não conheça o vídeo de que falo, mas, para o caso de alguém ter tido a sorte de escapar daquela aberração, posso tentar fazer um resumo. Basicamente, no vídeo, crianças palestinianas entram num túnel numa Gaza destruída em 2025 e, quando saem, na outra extremidade, encontram uma Gaza ao melhor estilo *resort* de luxo, onde podemos ver estátuas e balões dourados de Trump, homens barbudos vestidos de bailarinas de dança do ventre, um Elon Musk sorridente a atirar dinheiro ao ar e um edifício de grandes dimensões chamado Trump Gaza, ao estilo da famosa Trump Tower. Aliás, se há coisa que podemos ver no vídeo desta “nova Gaza” é Trump. O apelido Trump escrito nos edifícios, nas espreguiçadeiras e nas ruas. A imagem de Trump no centro de Gaza e até em formato de boneco nas lojas de recordações. Sabem o que é que não conseguimos ver nunca? O sítio onde, para construir esta Riviera, foram colocados os corpos de todos os inocentes, especialmente crianças, que esta guerra matou. Trump era perigoso no primeiro mandato. Trump é ainda mais perigoso agora. Embalado pelo narcisismo que o faz acreditar que o universo gira em redor dos EUA e galvanizado pela máquina de propaganda e

comunicação de Musk, o melhor que podemos esperar e desejar é que lhe aconteça o mesmo do que a Narciso. E a verdade é que esse me parece, realmente, o desfecho mais provável. Trump, apaixonado por si próprio e embevecido com o seu próprio reflexo, vai acabar por ser engolido pelas decisões inconsequentes que toma e cujas repercussões parece minimizar ou ignorar de todo. Porque nada é mais importante do que ele próprio e do que o seu complexo de Deus. O problema será sempre o tamanho do estrago que vai conseguir fazer até lá. Mas no final, e isso posso garantir, não deixará boas recordações nem haverá deus que o transforme numa flor.

(Ao contrário do que costumeiro fazer, e porque sou enfermeira e sinto o dever de o fazer, guardei umas linhas da coluna desta semana para chamar a atenção para o surto de sarampo que já conta com mais de 120 casos registados no Texas e que, pela primeira vez em dez anos, fez uma vítima mortal e vinte pessoas tiveram de ser hospitalizadas. A vítima, criança em idade escolar, não estava vacinada. E isto seria estranho em Portugal, mas nos EUA, onde as taxas de vacinação têm vindo a baixar e onde o secretário de Estado da Saúde, escolhido por Donald Trump, é um assumido anti-vacinas, estranho será se estes surtos não se forem tornando cada vez mais frequentes e de maiores dimensões. O sarampo não devia já ser um problema relevante nos nossos dias, tal como o deixaram de ser a varíola e a poliomielite. Pensar que existem crianças a morrer de sarampo graças a um estudo que se provou sustentado em interesses financeiros e que foi rebatido por toda a comunidade científica mundial adoce-me. E devia adoecer também Trump, Musk e Kennedy Jr. Uma pena que a total ausência de consciência não lhes permita sentir qualquer dor.)

Enfermeira



Reportagem Há mais de 30 mil alunos de Português na Extremadura. Em Badajoz, há uma escola secundária bilingue; e em Cáceres formam-se professores de Português. Paixão pela cultura e oportunidades de trabalho motivam procura

Por **Teresa Serafim** texto e **Daniel Rocha** fotografia, na Extremadura

Na Extremadura espanhola aprende-se cada vez mais português

Das costas voltada





Letras de Portugal

Banca com informação sobre o curso
Lenguas Y Literaturas Modernas - Português na Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade da Extremadura, em Cáceres. Esta é a comunidade espanhola de fronteira com Portugal onde mais se aprende Português e o número tem vindo a crescer

Não há como enganar: o português é a língua oficial na sala de aula do professor Luís Leal. No quadro, está projectada a letra da música *Pequeno T2*, de Ricardo Azevedo. Nas mesas, estão dispostos cadernos com palavras escritas no idioma luso. Mas o teste a sério vem com a leitura em voz alta: “Amiga Adriana, podes ler o refrão, por favor?” Adriana Trejo começa com um revelador “*apeñas*”. O professor logo corrige: “*Apeñas*, não. Apenas!” E Adriana prossegue com um “apenas” pronunciado com convicção.

A leitura continua, mas as paragens impõem-se – e não só para corrigir a pronúncia. “Tenho que virar / A minha vida de pernas para o ar”, vai lendo a estudante. Até que o professor faz uma questão que deixa os 21 alunos na sala com um ar enigmático: “Sabem o que significa ‘virar a vida de pernas para o ar’?” Olhos interrogadores voltam-se para ele. “É uma mudança radical. Como seria em espanhol?” Eis que, de imediato, um coro se ergue: “*Pata arriba!*”

A expressão “pernas para o ar” foi um sucesso nesta aula na Escola Secundária Reino Aftasí, em Badajoz, a cerca de 25 minutos de carro do território português. A turma do nível equivalente ao 8.º ano em Portugal está integrada no ensino bilingue. Além de estudarem Português na disciplina dedicada à língua, aprende-se História ou Física ao som do idioma oficial do país vizinho. Mas nem por isso Elena Casas, de 13 anos, esquece o espanhol: “Gostei de aprender o significado de ‘*pata arriba*’.” De fala tímida, a aluna confessa que a sua perdição é visitar Portugal. “Gosto de Lisboa e vou a Elvas às compras”, sussurra.

A língua portuguesa surgiu na sua vida bem cedo com as aulas na escola. Talvez por isso encare com naturalidade a conjugação de verbos em português. Elena é uma das escolhidas para ir ao quadro conjugar “morar” e “viver”. Sem hesitações, preenche os espaços em branco. Segue-se, de novo, um coro para ler as conjugações, sem erros, de Elena. No ar, ouve-se um português que deixa adivinhar vozes espanholas quando surgem as vogais.

Paula Díaz é uma voz dissonante no coro. Não morou em Portugal, mas viveu a realidade portuguesa quando era bem pequena. A sua mãe trabalha em Campo Maior e Paula frequentava lá o infantiário. O seu desembaraço a falar português fortaleceu-se por praticar com a mãe e das visitas que faz ao país. “Gosto tanto da comida e das praias”, confessa a espanhola de 13 anos.

Em contínuo crescimento

A ligação de Luís Leal a Espanha também começou com visitas. Mais tarde, as

oportunidades que vislumbrou neste lado da fronteira fizeram com que se mudasse de Évora para a Extremadura. É professor nesta comunidade autónoma desde 2005 e percorreu diferentes localidades até chegar a esta escola. Paralelamente, acompanhou a evolução do ensino de Português. “Houve uma evolução, mas sobretudo na raia. No interior da Extremadura, continuamos a ter desafios para o introduzir como segunda língua”, indica. Uma das mudanças, desde que faz parte do sistema educativo espanhol, foi a abertura de mais vagas para professores. Já com uma experiência de 20 anos, Luís Leal diz que para aprender a língua perto da fronteira basta “estar desperto”.

O despertar da sua escola para o ensino bilingue espanhol/português foi em 2014. “Este é o único instituto [desde o 3.º ciclo até ao 12.º ano em Portugal] bilingue da comunidade autónoma da Extremadura”, realça. Os sinais observam-se na entrada exterior. Num muro, há um mosaico de cerâmica a dizer “Portugal” que está rodeado de sardinhas coloridas. Ao lado, vê-se um mural com a Ponte 25 de Abril e espingardas com cravos que relembra a Revolução dos Cravos. Mais uns passos e vislumbram-se bandeiras: ao lado da espanhola, está a portuguesa.

“Para aumentar a oferta formativa e atrair alunos, implementámos o ensino bilingue”, indica Francisco Sánchez, director da escola. Hoje, há 62 alunos com este ensino na escola, que tem 731 educandos. Há ainda 38 que escolheram a língua portuguesa como primeira língua estrangeira e 95 como segunda opção de língua estrangeira. Antonio Pérez foi um dos impulsionadores da secção bilingue de português na escola – além desta instituição, só há outras com este tipo de português no pré-escolar e 1.º ciclo. O professor de Música conta que esta é uma escola fora do centro de Badajoz e era preciso torná-la mais atractiva. “O português deu nome à escola”, considera, reconhecendo que as relações entre estes dois “irmãos” ibéricos nem sempre foram fáceis. “Não foi há muitos anos, os espanhóis e os portugueses viviam de costas voltadas.” Agora diz sentir que há mais cooperação.

A Extremadura é a comunidade de fronteira com Portugal onde mais se aprende Português e o número tem vindo a crescer. Este ano lectivo há mais de 30 mil alunos, sendo 3453 da rede de Ensino do Português no Estrangeiro (EPE), que inclui professores portugueses pagos pelos Estados português; e 30.215 da rede autonómica da Extremadura, que é composta por professores financiados pelas comunidades autónomas, de acordo com dados provisórios indicados pelo Instituto Camões, tutelado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em 2024, as escolas oficiais de idiomas tinham 3943 estudantes e o ensino superior 371. A diferença é notória sobretudo na rede →

... até à descoberta



autónomica que, no ano lectivo de 2013/2014, contava com 5157 alunos. Desde então, o crescimento tem sido constante.

O objectivo da Escola Secundária Reino Aftasí é crescer com o Português e fazer parte da rede do Instituto Camões, para que possa ter mais recursos. Na Escola Secundária Bárbara de Braganza, também na capital da província de Badajoz, isso já acontece e, além dos professores espanhóis de Português, há docentes do Instituto Camões.

Ir a Portugal e falar português

No último ano da Escola Secundária Bárbara de Braganza, a aula é feita, mano a mano, entre as professoras Susana Gomez Alves e Sónia Português. Em conjunto, nove alunos tentam descodificar o significado de misteriosas frases idiomáticas em português.

– “Dar com o nariz na porta” - lê a aluna Cristina Pinilla.

– O que quer dizer? Esta é fácil. Aproxima-se muito do espanhol - sugere a professora Sónia Português, enquanto escreve no quadro.

– É um choque de realidade? - sugere Sofia Machado, a estudante portuguesa na sala.

– Quase lá, mas não. Quantas vezes foram a um café e a porta estava fechada? Deram com o nariz na porta - explica a professora.

Já nem Sofia Machado, que morou em Portugal, se lembrava. Para Cristian Rubio, de 19 anos, que vive em Badajoz, foi até engraçado perceber que há uma expressão tão semelhante em espanhol. “As palavras e as culturas tão próximas”, nota. Tanto ele como o seu amigo Daniel González, de 18 anos, estão acostumados a ouvir português quando caminham por Badajoz. “Aos fins-de-semana há muitos portugueses. Então no centro comercial...” Daniel fala do El Faro, que fica a 15 minutos de carro do centro de Elvas.

É também pelo potencial do Português que os dois amigos aprendem a língua. Daniel quer ser polícia e, quem sabe, a língua portuguesa não venha a dar-lhe jeito. Já Sofia tem aulas porque não quer esquecer a sua língua materna. Nota-se o seu à-vontade e confessa que até vai ajudando os seus colegas.

Há cerca de 12 anos que Sónia Português dá aulas em Badajoz através do Instituto

Camões e tem vindo a observar um interesse crescente no Português. Este ano tem, só nesta instituição, 128 alunos entre os 13 e os 18 anos, sendo esta uma das escolas com mais estudantes.

“Interessam-se por aprender Português porque vêem futuro na língua e por ser uma forma de aprenderem mais sobre aspectos culturais e gastronómicos”, reflecte.

Os alunos já estão familiarizados com a cultura portuguesa. Noutro exercício, a professora Susana Gomez Alves pede que sugiram como se pode transformar uma imagem através da Inteligência Artificial. Folhas com fotografias são distribuídas.

Lucia Diaz e Cristina Pinilla ficam com uma que todos reconhecem. “Sabem que sítio é?”, pergunta a professora. “É o forte de Elvas”, respondem vozes em uníssono.

Lucia Diaz, de 18 anos, conhece o sítio de excursões a Portugal. Os motivos por ter escolhido estudar Português não diferem muito dos dos seus colegas: a proximidade e as oportunidades de trabalho. Já Cristina Pinilla, de 17 anos, vê potencialidades na língua porque quer estudar Jornalismo. Por isso, dá-lhe prazer falar português quando atravessa a fronteira: “Quando vou a Portugal, acho que é muito giro falar com os portugueses. Aprende-se mais assim.”

As palavras de Saramago e... de um frade

Em Cáceres, a capital da outra província da Extremadura, também há quem tenha aprendido Português por paixão. Na central Avenida Virgen de la Montaña, um grupo que chega a ter 20 pessoas reúne-se todas as semanas para falar sobre literatura portuguesa no Centro de Língua Portuguesa, que é gerido pelo Instituto Camões num edifício cedido pela universidade. Com as cadeiras dispostas em meia-lua, partilha-se o que levou cada um a estudar Português.

José Maria Nuñez, de 60 anos, não tem dúvidas de que foi José Saramago (1922-2010). “Quando comecei a ler Saramago, apercebi-me que tinha ideias novas. Tal como em Portugal, em Espanha tivemos uma ditadura durante muito tempo e as pessoas ficaram com a mente fechada”, relata. Começou pelos livros em espanhol, mas diz que vislumbrou uma luz: tinha de aprender a língua em que o escritor se expressava.



“
[Na Extremadura]
Há um carinho que
se sente com Portugal
e pela língua
portuguesa
Guilherme Figueiredo

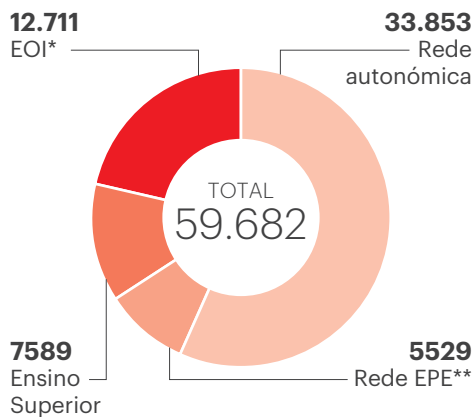
Já Juana Lorenzo, de 66 anos, deslumbrou-se pela Revolução dos Cravos. “Transmitia-me a ideia de liberdade”, diz com um sorriso doce. Não só viajou pelo país, como chegou a viver em Lisboa: “Enamorei-me pela cidade. Quando vou a Portugal, sinto que estou em casa.” O clube de leitura é uma forma de se sentir ligada ao país sem lá estar. E de ter umas discussões agradáveis. Do lado oposto da sala, Angeles Parejo, de 62 anos, partilha que gostou do último livro que leram – *As Três Vidas*, de João Tordo –, mas não apreciou o final. A enfermeira que aprendeu português por gosto, queria algo mais complexo. Juana Lorenzo logo se contorce para se manifestar: “Adorei!” Há um burburinho na sala com várias opiniões.

Luís García, de 81 anos, já tem nas mãos o livro das próximas sessões: *Misericórdia*, de Lúcia Jorge. Aproveita também o momento para revelar como ali chegou: “Quando era novo, ouvi um frade a falar português em Salamanca e a dizer que era uma língua muito bela. Meti na cabeça que tinha de aprender!” Assim foi. Já a viver em Cáceres inscreveu-se numa escola de línguas. Ler em português é hoje uma distração e uma paixão.

Esta é uma das actividades do Centro de Língua Portuguesa em Cáceres, um espaço de apoio ao ensino e investigação para alunos, professores e investigadores em língua e cultura portuguesas. Com uma biblioteca com mais de 2000 livros, o centro oferece actividades para a comunidade. A juntar-se ao clube de leitura, que tem 20 anos, vai começar um clube de conversação para que espanhóis aperfeiçoem o português. Depois há um plano que inclui, por exemplo, o apoio à vinda de artistas portugueses a festivais a Cáceres; a celebração do Dia Mundial da

Alunos a aprender Português em Espanha e Andorra

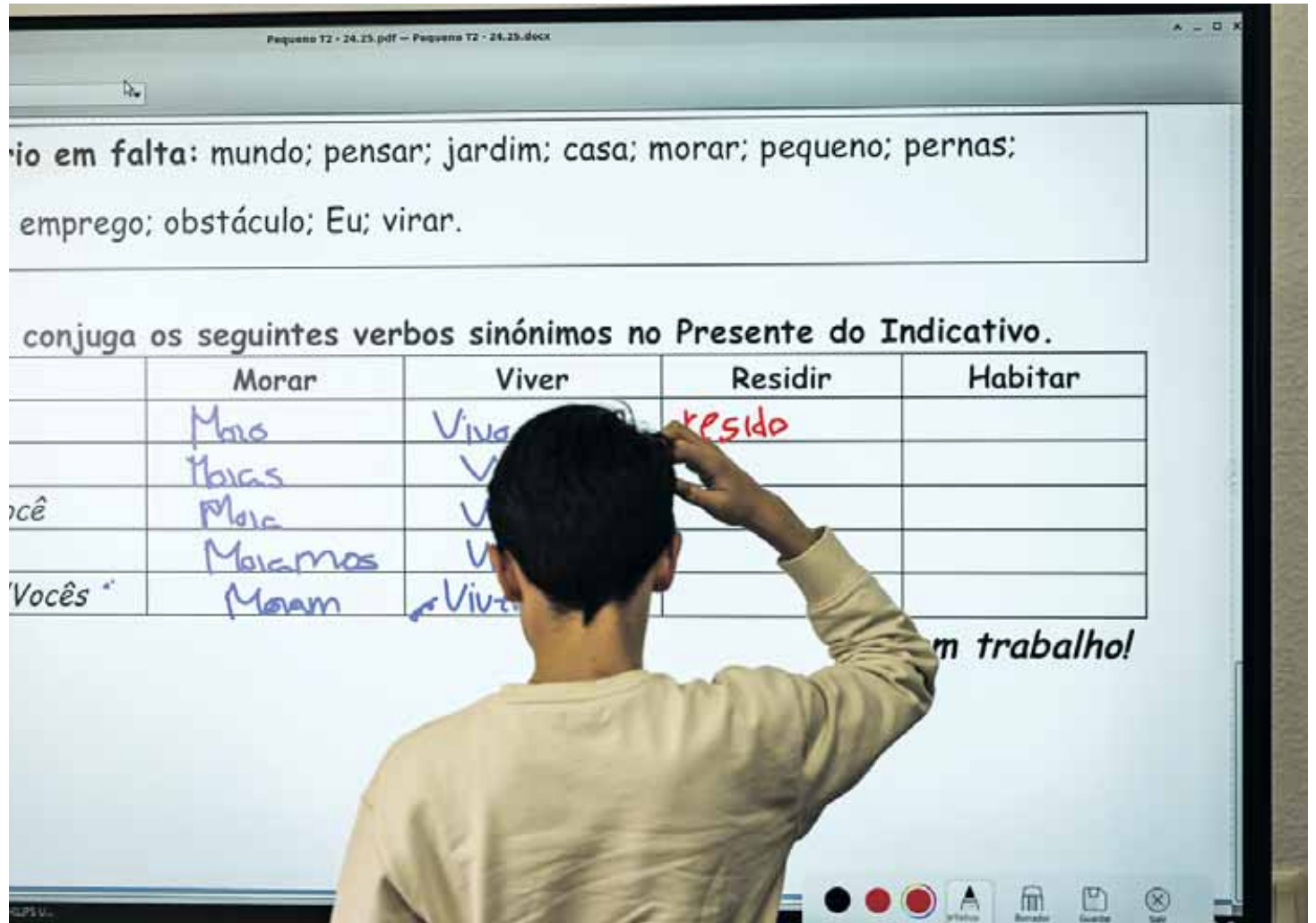
Dados de 2024



*Escolas Oficiais de Idiomas

**Ensino de Português no Estrangeiro

Fonte: Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. PÚBLICO



Poesia e do Dia Mundial da Língua Portuguesa; ou a realização de congressos. “Existe bastante procura para aprender Português”, diz Guilherme Figueiredo, que é leitor do Instituto Camões na Universidade da Extremadura e coordenador do Centro de Língua Portuguesa desde 2024 (os outros centros em Espanha ficam em Madrid e Barcelona). “Há um carinho que se sente com Portugal e pela língua portuguesa.” O leitor do Instituto Camões explica que há “motivações práticas” ligadas à economia, mas também existe “curiosidade” pelo país.

O caminho não tem sido fácil. Nem sempre se notou esta vontade de aprender Português na Extremadura, ou pelo menos com a expressão actual. Até 2010, quando o Instituto Camões assumiu o ensino da língua portuguesa no estrangeiro, “a presença do Português no sistema educativo espanhol não era expressiva”, recorda Filipa Soares, coordenadora da rede EPE de Espanha e Andorra. No ano lectivo de 2010/2011, havia cerca de 100 alunos de Português na rede autonómica em Espanha e Andorra, pelo menos, de acordo com os dados fornecidos ao P2.

Desde então, deram-se passos que permitiram uma abertura no país para o ensino do Português. Primeiro, assinaram-se memorandos de entendimento entre o Estados português e espanhol e, sucessivamente, entre as comunidades autónomas. Depois, dentro do Ministério da Educação espanhol, o ensino do Português passou do sector de integração e apoio à diversidade para a área de línguas estrangeiras, o que permitiu que tivesse mais visibilidade, retirando-o de um lugar periférico. Por fim, o Instituto Camões apostou na formação de docentes, em eventos para a comunidade e na

certificação do Português como língua estrangeira.

Actualmente, há uma diferença ainda acentuada entre o número de alunos a aprender Português na Extremadura e noutras comunidades na fronteira, como em Castela e Leão, que tem 1890 estudantes; Andaluzia, com 3734; e até mesmo a Galiza com 11.133. A rede de ensino do Instituto Camões em Espanha tem um total de 22 professores e metade está na Extremadura.

Filipa Soares considera que há diferentes motivos que explicam o crescimento nesta comunidade autónoma. A razão mais evidente é a proximidade. Depois, há a visão de que aprender Português pode potenciar oportunidades de trabalho. Para além disso, indica que tem existido uma

Português? Presente!

Em cima, da esq. para a dir., Filipa Soares, coordenadora da rede Ensino de Português no Estrangeiro em Espanha e Andorra: até 2010, “a presença do Português no sistema educativo espanhol não era expressiva”; entrada da Faculdade de Filosofia e Letras, Cáceres — na semana em que o P2 a visitou havia uma acção de divulgação dos vários cursos; aula de Português na Escola Secundária Reino Aftasí, em Badajoz. Em baixo, Centro de Língua Portuguesa em Cáceres, um espaço de apoio para alunos, professores e investigadores em língua e cultura portuguesas

boa relação entre os dois países nos últimos anos. “O turismo, a cultura e a língua são uma acção triangular fundamental para a Extremadura em que Portugal é visto como uma descoberta e uma valência.” Também frisa que os espanhóis se têm vindo a mostrar mais disponíveis para falar português: “Há uma abertura e temos de os deixar avançar, porque, às vezes, não deixamos.”

Maria José García Díaz, responsável pelo Serviço de Coordenação Educativa da Junta da Extremadura, o governo da comunidade autónoma, nota que o ensino de Português “teve uma evolução significativa nos últimos 20 anos” e que é “uma prioridade” para a região. Embora refira que se tenha “generalizado” pela Extremadura, sublinha que as localidades mais próximas da fronteira são as que têm mais alunos. Entre as duas províncias, Badajoz tem “um maior número de alunos” do que Cáceres, indica sem mencionar valores.

A mesma responsável considera que o aumento de alunos se deveu a um trabalho conjunto entre os dois países, nomeadamente com o desenvolvimento do Programa de Língua e Cultura Portuguesa, que possibilitou que professores portugueses leccionassem a língua nas escolas espanholas. Também o Plano Portugal veio fortalecer o ensino de Português nos centros educativos. Lembra ainda que houve um aumento de cursos de Português nas Escolas Oficiais de Idiomas ou um “fortalecimento da relação fronteiriça com Portugal”. “Ao longo dos anos, o ensino da língua portuguesa tem estado intimamente ligado à cooperação transfronteiriça. A proximidade geográfica e os laços económicos e culturais entre a Extremadura e Portugal impulsionaram a necessidade de os cidadãos da região →



conhecerem o idioma”, argumenta.

O P2 questionou a Junta da Extremadura sobre os números das línguas estrangeiras estudadas, mas apenas foi indicado que em primeiro lugar está o inglês, depois o francês, seguido do português e, por fim, o alemão, “com pouca expressão”.

Uma mesa cheia de português

É na Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade da Extremadura, que se têm dado grandes passos no ensino da “língua de Camões”. Assim que entramos no átrio de um dos edifícios, encontramos uma mesa cheia de português. A anunciá-la está uma placa onde se lê: “*Lenguas Y Literaturas Modernas - Português*”. Entre folhetos sobre a oferta curricular, há jogos sobre Portugal e o poeta Fernando Pessoa (1888-1935), uma imagem de um eléctrico e dicionários. Esta é uma semana para se conhecer os cursos na faculdade e o Português está entre as opções.

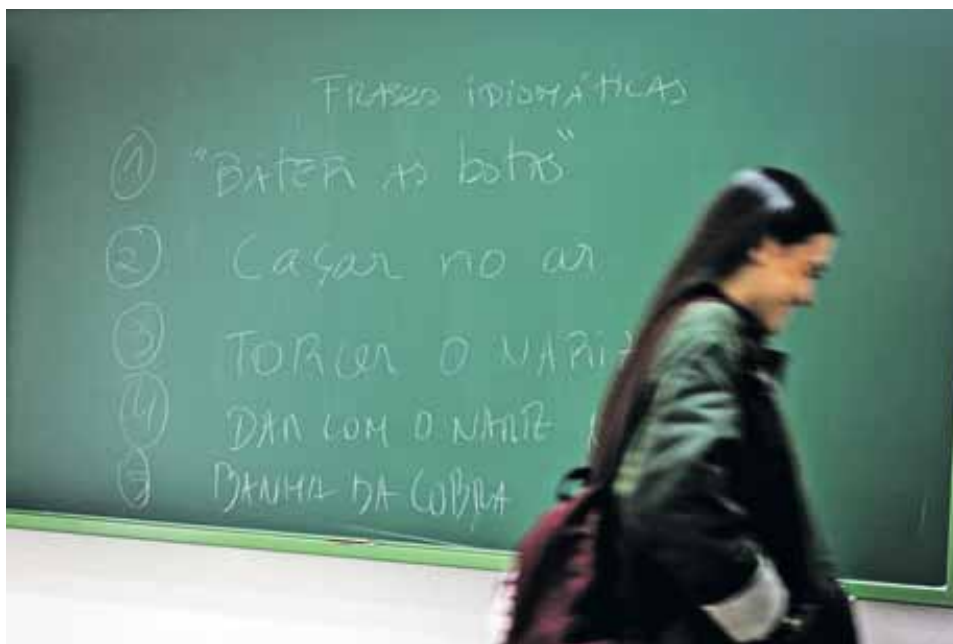
Nem sempre foi assim. No final dos anos de 1980, quando María Jesús Fernández estudava a Espanhol na faculdade, a língua portuguesa não era uma opção como licenciatura. Mas quando viajava por Portugal com o namorado questionou-se: “Que pena não saber dizer nada de português...” Foi esse impulso que a levou a inscrever-se em cadeiras opcionais do idioma. Mais tarde, em 1996, começou a dar aulas de Literatura Portuguesa.

Três anos depois, em 1999, vê nascer a primeira licenciatura em Filologia Portuguesa na universidade. “As primeiras turmas eram numerosas porque era um curso novo”, recorda. E foram anos de luta. A professora recorda que estavam a ser formados alunos que se poderiam tornar professores, mas a Junta da Extremadura não abria vagas para que fossem colocados nas escolas. Com os anos, progressivamente, os lugares foram ficando disponíveis.

María Jesús Fernández não tem dúvidas que houve uma evolução na forma como se encara o português. “Deixou de ser uma língua exótica aqui tão perto”, assinala. A professora e tradutora de escritoras portuguesas como Lúcia Jorge e Teolinda Gersão indica que a mudança começou nos anos 80, quando a Junta da Extremadura interpretou as possibilidades geo-económicas que parceiras com Portugal poderiam trazer. “Estamos entre Madrid e Portugal, mas somos uma região periférica. Houve a ideia de torná-la uma porta para Portugal”, nota. “Agora, não há uma iniciativa que não tenha em conta os vizinhos portugueses.”

A grande maioria dos 77 alunos que estão na faculdade a estudar Português tem essa visão. “O sistema regional consegue absorver professores de Português e eles estão confiantes de que podem vir a trabalhar em Espanha”, afirma. Depois, há quem queira aprender a língua a pensar nos negócios na fronteira. A professora confirma que tem visto crescer uma predisposição para se falar português quando se vai a Portugal, mas deixa um aviso: “A fonética do português pode ser difícil para um espanhol”, alerta, assinalando que o sistema fonético da língua portuguesa é mais complexo do que o da espanhola.

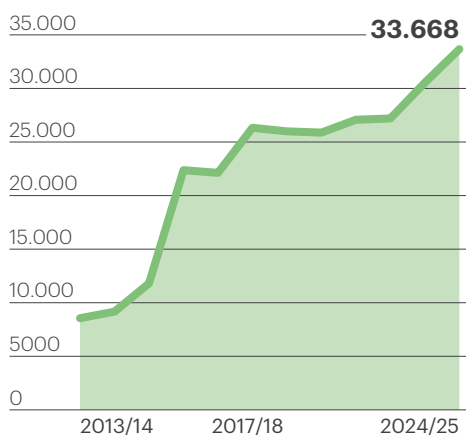
Nos corredores da faculdade, Maria Luísa Leal prepara-se para ir dar uma das



O turismo, a cultura e a língua são uma acção triangular fundamental para a Extremadura em que Portugal é visto como uma descoberta e uma valência
Filipa Soares

Extremadura

Evolução na rede autonómica e EPE*



*Ensino de Português no Estrangeiro

Fonte: Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. PÚBLICO

Português na raia

Sala onde se lecciona Português na Escola Secundária Bárbara de Braganza, em Badajoz: a aula é feita, mano a mano, entre as professoras Susana Gomez Alves e Sónia Português, que ensina a disciplina nesta cidade raiana há 12 anos, notando um interesse crescente pelo idioma

por toda a História que carrega. Mas nem só da língua gosta no português: a sua cultura é o que motiva uma boa parte do seu estudo. Aprecia a Revolução dos Cravos, que também diz que comemorava em Olivença; e gosta da tranquilidade que vê no povo português.

Também vai acompanhando as notícias e faz questão de dizer que não gostou nada das declarações do ministro da Defesa, Nuno Melo, que disse, em Setembro de 2024, que Olivença “é portuguesa”. “Esta não tem de ser uma questão política. Gosto da língua e da cultura portuguesas, mas não tem de se dizer que [Olivença] é portuguesa ou espanhola. É um ponto de união único na Península Ibérica”, diz o espanhol, que está a adquirir a cidadania portuguesa.

Na aula, os exercícios continuam. O tema é “Realidade e Utopia” e, a partir de um texto sobre o cineasta Manoel de Oliveira (1908-2015), os alunos substituem palavras por sinónimos. Pablo Carretero propõe trocar “abolição” por “fim” e a professora acrescenta “extinção”. É na leitura em voz alta que surgem as correcções. O professor Guilherme Figueiredo, que acompanha a aula, pede a Pablo que tenha atenção à forma como pronuncia certas palavras: “As vogais costumam ser mais fechadas. Não dizemos ‘desejo’, mas sim ‘desejo’, e, entre as vogais, o ‘s’ assume o valor de ‘z.’” Pablo repete as palavras corrigidas.

“Sou espanhol e é difícil pronunciar as vogais, mas gosto muito”, confessa sorridente. O aluno de 20 anos, natural de Montijo, na província de Badajoz, está a estudar Português para ser professor na sua localidade. Não descarta a possibilidade de ir uns tempos para Portugal leccionar espanhol, até porque aprecia muito o país, desde a gastronomia, como a francesinha, ou a música, como os músicos Salvador Sobral e Dilaz.

É com o seu colega de casa e de curso que Pablo Carretero mais pratica. Quando acorda, a primeira expressão que trocam é: “Bom dia!” O “sonho” de Francisco Calvo também é ser professor de Língua Portuguesa. Começou a estudar o idioma há já muitos anos em Badajoz e agora quer transmitir o que aprendeu. O jovem de 20 anos tem vindo a apreciar o que tem lido sobre literatura portuguesa do período medieval e das semelhanças que encontra na sua língua materna. Depois, sente-se ligado às cidades que visitou perto da fronteira, de Elvas a Évora.

A certa altura, na aula, a professora Carmen questiona a turma: “Alguém sabe algo sobre Bergonia?” Há um silêncio colectivo. Até que a professora projecta um site sobre esta nação imaginada, que coincide com o tema que estudam. Assim que os alunos vêem a expressão “Bergonia” lançam um “Ah” conjunto. E, entre risos, ouve-se a voz de Francisco Calvo: “Pensávamos que tinha dito ‘vergonha’. Já estamos a pensar em português!”

muitas centenas de aulas que tem no currículo. Chegou à Extremadura em 1997 para ser leitora do Instituto Camões. Nessa altura, o instituto público português, a universidade e a Junta da Extremadura estavam a fazer protocolos sobre o ensino do português. “Foi uma altura de entusiasmo em que se passou das costas voltadas para a descoberta”, lembra, mencionando que tinha várias dezenas de alunos nas diferentes faculdades da universidade.

Quando a licenciatura foi criada, os alunos aprendiam português pelo amor ao país ou à literatura. Em 1998, José Saramago recebia o Prémio Nobel da Literatura e muitos espanhóis viam o seu livro *Viagem a Portugal* como uma “Bíblia”, conta. Hoje, há quem aprenda por gosto, mas estão em maioria os alunos que querem ser professores. Ao longo do percurso, foi ensinando a língua a quem queria trabalhar no turismo ou médicos e enfermeiros que iam trabalhar para o outro lado da fronteira.

Nas aulas da faculdade, a descoberta pelo português é constante. Na disciplina dada pela professora Carmen Comino, os estudantes desvendam a obra de Maria Teresa Horta (1937-2025) através da leitura do poema *Ameaça*, feito para a edição especial do 34.º Aniversário do PÚBLICO. Até que a docente põe à prova os alunos:

- Manuel, conhecias Maria Teresa Horta?
- Sei que defendeu os direitos das mulheres e foi uma das grandes figuras da luta contra a ditadura. Escreveu muitos poemas.

Manuel Silva Costa, de 22 anos, está a aprender Português por paixão. Desde criança que estudava a língua em Olivença, tal como os seus amigos. Sente que o português é uma herança que lhe corre nas veias, pois o seu pai conta-lhe que os avós eram falantes e que o seu apelido é de um bisavô que nasceu em Guimarães. Manuel já não usa o português para comunicar com a família nem com os amigos, mas quer que outros na sua terra-natal conheçam melhor o idioma: “Gostava de ser professor e recuperar a língua portuguesa que falavam os meus avós.”

A paixão pela língua portuguesa foi sendo alimentada quando frequentava a escola em Olivença, que diz ser um importante núcleo de transmissão e aprendizagem de Português, em boa parte

Português na Galiza

A língua do desentendimento?

Apesar de o ensino do Português ter vindo a crescer, apenas 8% das escolas o incluem como língua estrangeira. Um cenário explicado tanto pela familiaridade do português com o galego como por um conflito interno, latente desde a criação da autonomia

Por José Miguel Sardo, na Galiza

O ensino da língua portuguesa para lá do rio Minho é um tema que desde logo poderia soar redundante aos ouvidos de muitos galegos – como os de Elias Feijóo, avesso a considerar o idioma de Camões como uma língua totalmente estrangeira. O director da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela (USC), um dos pilares da formação superior em língua galega, é também um fervoroso “lusista” e defensor do cha-

mado “reintegracionismo”: a convergência linguística entre o galego e o português. Um movimento com raízes no século XIX e intimamente associado aos defensores históricos da língua e da identidade galegas, que entreviam do outro lado da fronteira não só o passado como o futuro de uma língua comum – o galego-português. Um movimento que sobreviveria à dura perseguição do franquismo para finalmente poder testemunhar o reconhecimento do galego como língua co-oficial do território, ao lado do castelhano, após o fim da ditadura e a ratificação do estatuto de auto-

Camões em Compostela

Exemplos da camonianiana da biblioteca da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, que pôde ser apreciada até final de Janeiro numa exposição bibliográfica dedicada ao poeta português, a propósito dos 500 anos do seu nascimento

mia da Galiza, em 1981. Uma língua galega que, no entanto, desde então está longe de gerar consenso entre aqueles que defendem o “galego normativo”, aprovado oficialmente pela administração autonómica, e os apologistas do “galego reintegracionista”, que continua a reclamar a gramática portuguesa e não a espanhola como rumo linguístico.

“Na Galiza optou-se por uma via normativa e codificadora do galego que respondia a dois objectivos: por um lado, uma maior proximidade à fala popular; por outro, a tentativa de não se afastar em demasia do castelha-

ÁLVARO ALVITE/UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



no, baseada na ideia de que se poderia, desta forma, facilitar a mobilidade dentro de Espanha, ao contrário do que defendiam aqueles que em 1982 viam o galego como uma língua mais próxima do português”, lembra Elias Feijóo, que reconhece que hoje o fomento do ensino da língua portuguesa na Galiza é de certa forma uma vítima colateral de um conflito linguístico e político interno. “Também existe um claro debate no seio dos reintegracionistas, entre os que se opõem à entrada do Português como língua estrangeira e os que consideram que, mesmo através da via da língua estrangeira, é importante o ensino do Português, também para reforçar o galego actual, pois poderia suprir as carências em materiais e conteúdos e resolver o problema da falta de utilidade do galego fora das fronteiras da Galiza”, recorda o também docente de Língua e Cultura portuguesa na USC. Por esta câtedra já passaram professores portugueses como Hernani Cidade ou António Sérgio e na qual, assegura Feijóo, “a presença do mundo lusófono é uma constante”.

O Português, uma “questão de estado”?

Ao contrário de outras comunidades espanholas com menos vínculos linguísticos com Portugal – como a Extremadura, com mais de 30 mil alunos de Língua Portuguesa numa comunidade de cerca de um milhão de habitantes –, na Galiza, onde vivem quase 3 milhões de pessoas, apenas 11 mil estudantes dos diversos ciclos de ensino público, escolas privadas e outras financiadas pelo Estado português (via Instituto Camões) frequentam disciplinas relacionadas com o idioma ou com a cultura provenientes do outro lado da fronteira. Um número que apesar dos debates e fricções históricas sobre o tema quase quadruplicou nos últimos oito anos na opção de segunda língua estrangeira no ensino secundário.

Hoje, segundo os números disponibilizados pela Junta da Galiza, o governo autonómico, 72 dos 899 centros educativos públicos (cerca de 8%) disponibilizam o ensino do Português a 5 210 alunos, uma oferta, no entanto, ainda distante da opção do Francês, o segundo idioma estrangeiro mais estudado depois do Inglês e que se encontra disponível na maioria dos centros educativos. “Nós sempre sublinhámos a importância de os galegos estudarem Língua Portuguesa, porque consideramos que se trata de uma vantagem face a outras comunidades autónomas de Espanha. Mas é provável que essa proximidade linguística seja precisamente a mesma razão que leva menos alunos galegos a interessar-se pelo Português”, admite a directora de Inovação Educativa da Junta da Galiza, Judith Fernández. No departamento (ou *consellería*) do governo autonómico consagrado à política educativa, a mesma responsável reconhece a sensibilidade do tema da língua e da identidade no debate político actual em Espanha. Uma discussão inflamada que opõe independentistas catalães ou bascos ao conservador Partido Popular (PP), à frente do governo galego de forma quase ininterrupta desde a criação da autonomia e do conceito de bilinguismo “pacífico” com a língua castelhana. Os líderes dos populares na Galiza sempre rejeitaram reconhecer a língua galega fora do contexto autonómico, tanto como língua co-oficial do Parlamento espanhol, aprovada sem o voto do PP, como enquanto idioma do Parlamento Europeu, rejeitado com o voto do partido. Uma decisão que, no caso de Estrasburgo, leva a eurodeputada galega do Bloco Nacionalista Galego

Ana Miranda a optar sistematicamente por expressar-se em português.

Uma dissonância à qual a directora de Inovação Educativa da *Xunta* prefere sobrepor um consenso inédito na Galiza em torno do Português: a lei autonómica Paz-Andrade, que versa sobre o aproveitamento da língua portuguesa e das relações com a lusofonia, tendo sido aprovada em 2014 com o apoio de todos os partidos políticos no parlamento galego. “É neste contexto que surgem as iniciativas que estamos a levar a cabo nos últimos anos, não só ao nível da promoção da cultura e da língua portuguesa nas nossas escolas, mas também com várias actividades educativas, como o programa ‘escolas de fronteira’ [promovido pela Organização de Estados Ibero-americanos], com um primeiro projecto-piloto no ano passado em que colaboraram seis escolas galegas e portuguesas. Ou, mais recentemente, o protocolo com o Instituto Camões para financiar os alunos galegos que pretendam obter o certificado Camões Júnior”, ressalta Fernández.

Um empenho que, no entanto, se mostra ainda tímido face ao objectivo da Lei Paz-An-

“

Nós começámos esta relação [Espanha-Portugal] a falar ‘portunhol’, mas a Galiza tem laços históricos muito mais importantes e isso tem de ser aproveitado

Juan Manuel Vieites



drade de incorporar progressivamente a Língua Portuguesa como língua estrangeira no sistema de ensino. “Nós fazemos um seguimento do interesse no Português que em alguns locais é bastante constante. Mas, por vezes, também é bastante variável e depende não só da disponibilidade do professor como de um mínimo de alunos para formar uma turma – acreditamos também noutra tipo de acções que não estejam centradas apenas na língua para promover os vínculos com a cultura portuguesa”, explica Fernández. Um caminho que se faz passo a passo e com uma oferta essencialmente determinada pela procura, diz a directora de Inovação Educativa da *Xunta*. Das 800 bolsas Galemundo concedidas este ano pela administração galega aos alunos do secundário para estudar línguas no estrangeiro, apenas quatro se destinaram à aprendizagem do Português do lado de lá da fronteira.

Aprender Português graças ao galego

Marcos Vence é um dos cerca de 120 docentes de português a leccionar no sistema público de ensino galego, num dos ainda raros projectos que envolvem a via do ensino profissional plurilingue a partir do 11.º ano. Com as torres da catedral de Santiago de Compostela no horizonte, a escola secundária de San Clemente, situada na capital galega, é um dos cinco centros educativos autonómicos a recorrerem ao Português para leccionar disciplinas incluídas em ciclos de formação profissional. Desde 2011 que quase um milhar de alunos foram formados nesta escola em Administração de Sistemas Informáticos em Rede, um curso de dois anos ensinado em galego, castelhano e inglês e que inclui quatro módulos em português, como a aula que decorre durante a manhã, dedicada às aplicações informáticas. “Neste tipo de aulas, estamos a trabalhar numa perspectiva linguística totalmente diferente, uma vez que lidamos com alunos que, sem este tipo de abordagem, nunca teriam uma introdução ao conhecimento da língua portuguesa e que podem assim constatar na prática que o conhecimento do galego lhes vai permitir uma aproximação muito mais rápida ao português”, diz o professor de Informática.

Entre os cerca de 100 alunos que frequentam actualmente os dois ciclos da formação, Noa, de 18 anos, como a esmagadora maioria dos colegas, confessa só ter descoberto que a disciplina era leccionada em português, depois de se ter matriculado. “Regra geral, os alunos ficam surpreendidos e com algum receio, mas ao fim de algumas semanas já não estranham e hoje a maioria acaba por aproveitar para se apresentar aos exames de certificação de Português, de forma a poder contar com mais uma competência linguística no currículo”, sublinha Marcos. Uma vantagem reconhecida pela maioria dos alunos e que pode potenciar trabalhos tanto do lado de cá como de lá da fronteira; ou mesmo de ampliar os horizontes profissionais graças à presença de um assistente de conversação brasileiro nas aulas.

Interesse em aprender, falta de quem ensinar

O êxito desta fórmula de coabituação do Português no sistema educativo galego representa, no entanto, uma rara excepção num cenário ainda muito marcado pelo desentendimento, segundo María Vilaverde, presidente da Associação de Docentes de Língua Portuguesa na Galiza. “No ensino secundário não vemos um empenho por parte da administração galega



em aumentar as vagas de professores de Português; nos últimos concursos, foram abertas [apenas] quatro ou cinco vagas. Hoje, o ensino deste idioma depende em grande parte da iniciativa de professores de Galego, que já estão no quadro e que decidem abrir esta opção nos estabelecimentos de ensino, habitualmente para completarem o seu horário de trabalho”, afirma a também docente na escola pública de idiomas de Lugo, no interior da comunidade autónoma. “No que diz respeito às Escolas Oficiais de Idiomas [EOI] da Galiza, nem todas oferecem a possibilidade de aprender Português e naquelas em que este idioma se encontra disponível assistimos a outro problema: nem todos os professores dispõem do mesmo nível de competências em Língua Portuguesa, que deveria ser mais elevado, no mínimo à altura do nível C1 do Quadro Europeu de Referência para as Línguas”, destaca Vilaverde. Segundo os dados disponibilizados pelo Instituto Camões, 3288 alunos frequentam este ano cursos de Português nas EOI da Galiza, um número que se mantém estável depois de um pico de quase o dobro de estudantes há sete anos. À alegada falta de procura da língua portuguesa evocada pela Junta, María Vilaverde contrapõe o exemplo de Verín, uma localidade fronteiriça perto de Chaves, onde o governo regional rejeitou criar uma vaga de professor, depois de uma campanha da associação de docentes ter recolhido cerca de mil assinaturas de possíveis interessados.

O imparável comboio da lusofonia

Em matéria de desentendimentos, Juan Manuel Vieites é um homem que gosta de criar pontes e forjar consensos, neste caso, não só a partir dos apelidos Batista de Sousa, herdados de um avô português, natural de Coimbra. O actual presidente da Confederação de Empresários da Galiza (CEG) é um dos 34 membros do chamado Observatório da Lei Paz-Andrade, que integra também as universidades galegas, o Conselho da Cultura Galega, bem como vários outros grupos e associações de língua portuguesa presentes na Galiza. É um órgão consultivo e foi estabelecido mais de uma década depois da aprovação da lei submetida ao parlamento por iniciativa popular, com 17 mil assinaturas. A tarefa do observatório passa por supervisionar a aplicação dos objectivos da Lei e de fomentar não só o ensino e relações culturais e linguísticas, mas também as relações



JOSÉ MIGUEL SARDO

comerciais com o espaço da lusofonia. “Portugal é um dos principais parceiros comerciais da Galiza e essa cooperação é cada vez mais próxima, nomeadamente no espaço da eurorregião Galiza-Norte de Portugal que hoje, na prática, se estende até Sines; e essa cooperação precisa de uma língua, uma língua comum, que merece ser aprofundada. Nós começámos esta relação a falar ‘portunhol’, mas penso que a Galiza tem laços históricos muito mais importantes e isso tem de ser aproveitado”, recorda Vieites. Um discurso com os olhos postos na linha de alta velocidade que deverá ligar o Porto a Vigo em 2032; ou nos projectos conjuntos da CEG com a Associação de Empresários Portugueses para captar novos mercados, tanto no espaço lusófono como na América Latina. “É verdade que persistem vários desafios na promoção do Português, como algumas escolas que têm dificuldade em manter a docência desta língua”, afirma o responsável da CEG que, no entanto, qualifica como positiva a aplicação da Lei Paz-Andrade, antes de mais, por constituir um reconhecimento explícito da língua portuguesa como uma “vantagem competitiva e um activo económico e cultural que fortalece os vínculos entre os dois territórios”, declara. Uma linguagem à qual o Governo português soube responder no mesmo idioma, ao ter acedido recentemente de forma positiva ao apelo da CEG para restabelecer o consulado-geral de Portugal em Vigo, avança Vieites.

As pontes do Minho

Perto da foz do rio Minho, em A Guarda, do outro lado da fronteira, encontramos Isabel Gonçalves, uma das três professoras de Português mobilizadas pelo Instituto Camões para colaborarem ao longo do ano com os seus homólogos galegos no ensino de Português em nove escolas secundárias. “Nós preparamos os programas com os colegas espanhóis enquanto professores colaboradores e trabalhamos em par pedagógico; no meu caso, estou mais centrada na parte da oralidade e do léxico”, detalha a professora de Português que, para além de A Guarda, dá assistência a outras duas escolas secundárias, uma perto de Vigo e outra em Pontearreas, a 20 quilómetros da fronteira com Monção.

Isabel reconhece que ao longo da chamada “raia” os eventuais desentendimentos directos ou indirectamente relacionados com o ensino

Espalhar a palavra

À esq., Burghard Baltrusch, professor de Literaturas Lusófonas e director da Cátedra José Saramago da Universidade de Vigo; em cima, aula de Infomática do ciclo plurilingue da Escola Secundária San Clemente, em Santiago. Em baixo, Juan Manuel Vieites, da Confederação de Empresários da Galiza

Alunos de Português nas comunidades espanholas na fronteira com Portugal



Nota: Soma de alunos nas EOI, na Rede Autónoma, Ensino Superior e EPE

Fonte: Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. PÚBLICO

“

A Galiza sempre manifestou a vontade de manter mais relações e Portugal só despertou para esta questão há duas décadas

Burghard Baltrusch

de Português parecem silenciar-se face a uma realidade evidente. “Ao contrário do que se pode passar noutras regiões da Galiza, aqui o português é uma realidade quase quotidiana, uma vez que muitos alunos têm familiares que vivem ou trabalham em Portugal e que vêm na aprendizagem da língua um benefício prático; também tenho alunos galegos que praticam desporto em Portugal, ou que cruzam frequentemente a fronteira para ir às compras ou passear em família; e muitos afirmam escolher o português por ser parecido com o galego”, recorda a professora que há nove anos trocou Portugal pela Galiza sem mudar de língua de trabalho. “No início, os alunos têm uma certa facilidade ao nível da compreensão, mas depois é difícil dar o salto, tanto a nível fonético como de vocabulário. Por isso, é importante partir das semelhanças, até para conseguir motivá-los, mas também apontar logo as diferenças, pois por vezes sentem-se tentados a utilizar palavras galegas que não funcionam em português, como ‘mercar’ para dizer ‘comprar’”, explica Isabel.

Os erros do galego-português

Das origens comuns de uma língua entre a Gallaecia romana e o antigo reino medieval da Galiza (então com a capital territorial em Braga e o centro literário em Compostela), ao vaim da alta velocidade da eurorregião Galiza-Norte de Portugal, o rumo da “língua de Camões” a norte da fronteira pode ainda revelar ressentimentos, desta vez face ao lado português. Burghard Baltrusch é professor de Literaturas Lusófonas na Universidade de Vigo e até ao ano passado era membro da secção de língua do Conselho da Cultura Galega, o órgão responsável pela defesa e promoção dos bens culturais da autonomia. “A nível histórico, o facto de a língua portuguesa derivar do galego pode ser uma questão académica, mas em Portugal não existe consciência desse facto por causa de conceitos que são bastante anacrónicos, como o do galego-português na literatura medieval, uma vez que naquele momento a língua portuguesa ainda não existia”, afirma o director da Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo. Segundo o docente universitário, este é um espaço de investigação, reflexão e cooperação académica transfronteiriça e foi criado com o apoio, entre outros, do Instituto Camões, também para abordar não só o conhecimento como o des-

conhecimento mútuo. “Historicamente, a parte galega sempre manifestou a vontade de manter mais relações e Portugal só despertou paulatinamente para esta questão há duas décadas”, recorda Baltrusch.

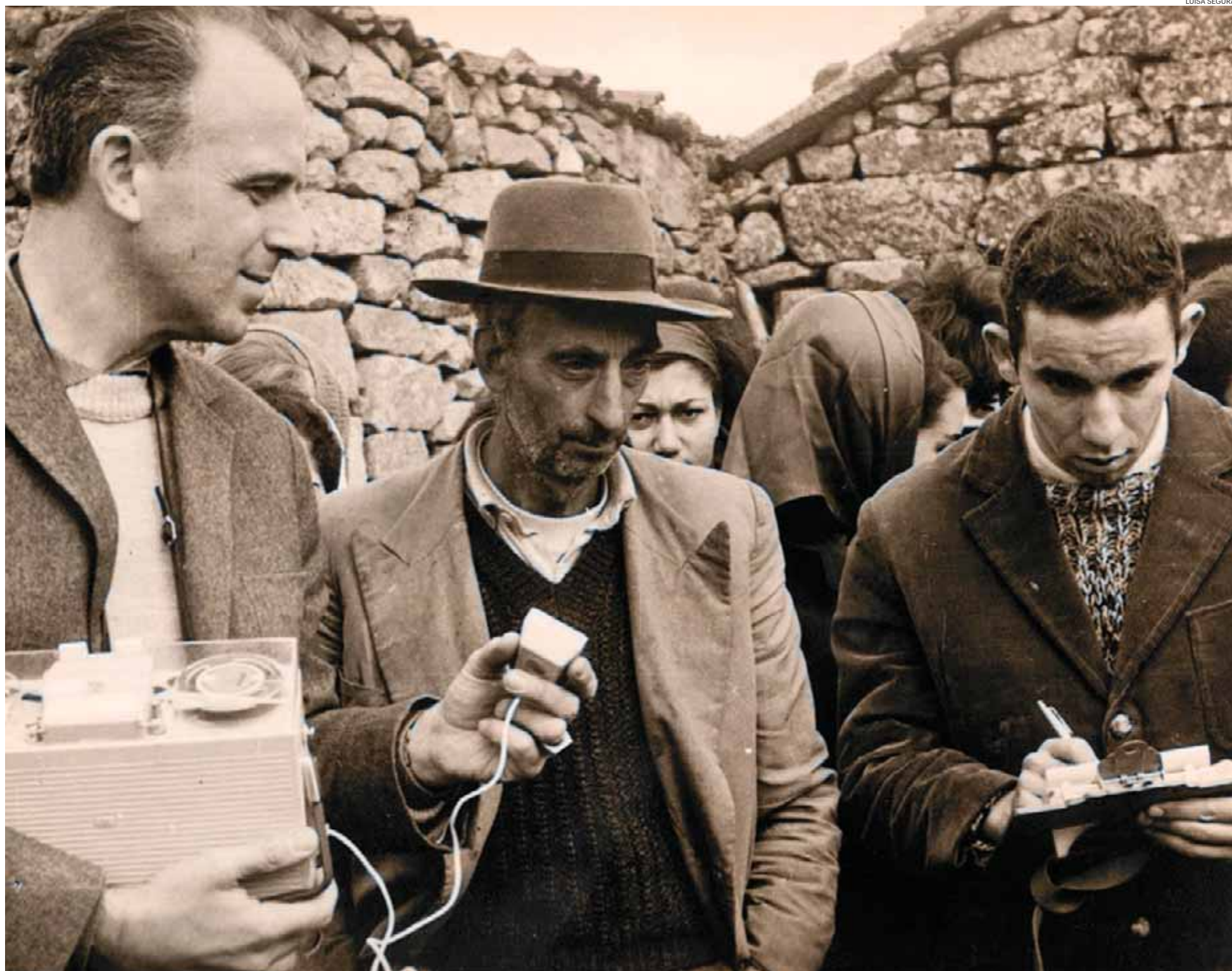
A Universidade de Vigo acolhe actualmente quase metade dos 2 679 estudantes matriculados nas disciplinas de Português ou de Cultura Portuguesa nos três estabelecimentos de ensino superior galegos. Como sublinha o professor catedrático, na teia complexa da história das línguas, a cidade de Vigo é hoje uma das mais “desgaleguizadas” na Galiza, sem que isso seja acompanhado de um desinteresse dos jovens universitários pelos estudos portugueses, a par da cada vez mais intensa teia de colaborações transfronteiriças entre as universidades galegas e portuguesas em áreas como a História ou a Ciência, potenciadas pelos fundos europeus.

O que falta fazer

Do lado do Governo português, Filipa Soares, em tom diplomático, prefere sublinhar os grandes entendimentos em torno da língua nacional sem ignorar os debates internos galegos. “Penso que nos últimos anos assistimos a um verdadeiro investimento no ensino do Português como língua estrangeira na Galiza, também numa perspectiva de valorização do próprio galego e temos consciência disso; mas vemos também uma consciencialização de que o Português é uma língua de projecção internacional e que gera oportunidades além-mar”, declara a coordenadora do Instituto Camões para Espanha e Andorra, de passagem por Santiago de Compostela, para assistir à comemoração dos 50 anos da Faculdade de Filologia.

Esta efeméride acontece num momento difícil para os chamados “galeguistas”, quando, pela primeira vez na história da autonomia, o número de habitantes que só falam castelhano supera aqueles que só se exprimem em galego. Também um momento em que o tema da língua portuguesa parece silenciar as habituais desavenças internas, ainda que por razões distintas. “O balanço da Lei Paz-Andrade para mim não é positivo, mas estamos habituados a que as coisas avancem mais lentamente do que esperado na Galiza. São precisos avanços, sem dúvida, mas não podemos negar que [a Lei] é um marco histórico, o facto de a Galiza legislar pela primeira vez a língua portuguesa”, diz o director da Faculdade de Filologia da USC. “Penso que nesta situação de relativa emergência linguística na Galiza é importante que possamos assistir a uma entrada maciça de materiais de países de expressão portuguesa, isto se não queremos continuar a testemunhar este declínio, até que o galego acabe por circunscrever-se a 25-30% de resistentes a esta situação”, conclui Elias Feijóo.

Mas a expectativa criada em torno do Observatório da aplicação da Lei Paz-Andrade parece transformar-se, aos poucos, numa nova evidência da complexidade da questão do português na Galiza. Reunidos pela primeira vez há uns meses, os 34 membros do conselho consultivo conseguiram chegar a um primeiro entendimento: o de criar diversas subcomissões antes de iniciar os trabalhos de forma regular numa data ainda a agendar para depois do Verão. Como afirmou um dia o escritor e político Alfonso Castelao – cujo 75.º aniversário da morte é assinalado este ano; considerado como o “pai” da identidade galega e uma fonte de inspiração para todos os chamados “lusistas” –, “o bom na Galiza é que ainda há muita coisa para fazer”.



Centenário de Lindley Cintra

Acima de tudo, um professor

Testemunho Um dos autores da popular *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, o professor de linguística Luís Filipe Lindley Cintra esteve na origem de vários estudos e iniciativas fundamentais para o conhecimento da língua portuguesa. No dia 5 de Março comemora-se o centenário do seu nascimento. Palavra a um dos seus muitos alunos

Por Ivo Castro

Em ano de muitas comemorações centenárias, parece mais fácil justificar o centenário de Camões que o de Lindley Cintra. Toda a gente conhece Camões, alguns leram até os seus versos, o seu nome está associado a valores e símbolos que a comunidade respeita. E de Lindley Cintra que se sabe, além de ter dado nome a uma escola no Lumiar e a uma rua perto de Carnide?

Sabe-se que foi um respeitado professor de Linguística, autor de estudos fundamentais para o conhecimento da língua portuguesa antiga e moderna, e que contribuiu com a sua iniciativa para a formação e o avanço da carreira profissional de inúmeros alunos e colaboradores. Sabe-se, por outro lado, que em momentos decisivos da resistência ao regime salazarista assumiu publicamente a defesa de estudantes perseguidos, o que lhe valeu episódios de prisão e mesmo de agressão policial.

Mas há bastante mais. Das personalidades complexas e muito ricas nunca se sabe tudo, mas não faz mal tentar saber um pouco mais.

Teve o que se costumava chamar uma juventude exemplar. Bom aluno e filho de boa família, podia ser o que quisesse. Escolheu ir para a Faculdade de Letras estudar Filologia Românica, curso então dominado por vultos intelectuais como Hernâni Cidade e Vitorino Nemésio, por isso vocacionado para os estudos literários. Aí conheceu o poeta Sebastião da Gama e, através dele, apaixonou-se pela serra da Arrábida, que sempre preferiu à outra serra, de onde lhe vinha o nome e onde ficava a casa de sua família. Concluiu a licenciatura com uma tese sobre o verso de António Nobre e com classificações que, como se esperava, o indigitavam para a carreira de docência universitária, que pouco depois iniciou. Mas, antes disso, foi para Madrid preparar doutoramento sob a orientação de uma figura veneranda, Ramón Menéndez Pidal. A tese projetava ser um estudo de história literária em torno da *Crónica Geral de Espanha*; mas converteu-se, pela inteligência com que interpretou os materiais, e pela natureza destes, em inovador empreendimento filológico, que reorganizou o que se julgava saber sobre a historiografia medieval portuguesa. Os seus trabalhos neste domínio continuam a ser citados tanto por historiadores como por linguistas.

Sair do gabinete, descobrir o país

Ainda em Madrid, integrou um grupo de jovens linguistas que Menéndez Pidal lançou para o campo, a recolherem dados de natureza dialetal para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica*, precursor de várias recolhas de âmbito mais restrito que até hoje continuam ativas entre nós e em Espanha. Esse trabalho levou-o a percorrer as províncias de Portugal de caderno em punho, em condições muito precárias (quase inimagináveis no elegante que era), condições que o podiam ter persuadido a regressar aos gabinetes, mas que afinal lhe fizeram descobrir as duras realidades do viver do povo no pós-guerra e as novas perspetivas que se abriam para a ação solidária.

Foi essa experiência de, através da língua das províncias, ter descoberto o povo que a

falava, que o levou a confessar-se nestes termos em 1962: “No duro e doloroso tempo que vivemos, quando, perante uma tão premente necessidade de acção, chego a pôr em causa, para mim próprio, o direito àquela tranquila investigação sobre as palavras, que é em princípio a vida do filólogo, penso frequentemente na minha experiência dialectológica e encontro nela motivos para prosseguir – e animar outros a prosseguir. Recordo paisagens e, enquadrados nelas, homens e mulheres”.

Foi 1962 o ano de uma grande crise académica, que forjou uma geração de futuros dirigentes políticos do país, e algumas figuras de perfil heroico. Lindley Cintra foi uma delas.

Mas continuou a ser, acima de tudo, um professor. A sua carreira de estudante e de professor decorreu integralmente na Faculdade de Letras de Lisboa: um exemplo acabado de endogamia académica, hoje vilipendiada, decerto com razão em muitos casos. Mas apetece perguntar se a continuada ação de ensino, investigação e edificação institucional que Cintra desenvolveu nessa escola durante os anos 60 e 70 teria atingido os mesmos resultados e os mesmos níveis de influência e de excelência, se ele tivesse sido obrigado a mudar de local de emprego, de colaboradores e de estudantes em cada etapa da sua carreira. Ou se, como alguns desejavam, Salazar o tivesse demitido após os acontecimentos de 62. O efeito seria, na prática, o mesmo.

A importância da língua quotidiana

Essa ação continuada dentro da mesma escola, durante praticamente duas décadas, tornou possíveis resultados que se tornaram permanentes e modelam hoje o nosso quotidiano. Antes de mais, o reforço da especialização em Linguística como ramo independente, e suficiente, do saber: não interessa apenas estudar e ensinar a língua dos escritores, mas sim a língua que todos, cultos e incultos, urbanos e provincianos, nacionais ou estrangeiros, produzem em todo o tipo de circunstâncias, formais ou descuidadas, orais ou escritas, educadamente escritas ou semiletradas.

A promoção da língua quotidiana a objeto digno de estudo teve dois efeitos principais: a abertura da língua portuguesa aos desenvolvimentos internacionais da linguística, mais interessada em mecanismos estruturais que em aperfeiçoamentos estéticos; e, em segundo lugar, o progressivo afastamento entre o linguístico e o literário nas estruturas de investigação e ensino, o

que conduziu à cisão do curso de Filologia Românica em dois cursos, dois departamentos, dois grupos de pessoas, o que aconteceu nos primeiros anos 70, portanto antes do 25 de Abril. Lindley Cintra não foi autor único dessas mudanças, porque as suas insatisfações e ambições eram igualmente partilhadas por muitos outros, mas sem ele nada teria acontecido.

Isso tornou-se especialmente evidente num fenómeno tão lúdico como académico, que Lindley Cintra animou durante toda a década de 60: as suas “excursões dialetais”, que eram de vários tipos. Umas eram excursões de uma semana a províncias do Norte, para treino de recolhas de falares dialetais, cantigas e poemas de literatura oral, e mergulhos na realidade popular, que Cintra tinha descoberto nos seus inquéritos do *Atlas*. Outras eram excursões de um dia à Arrábida para ouvir poemas de Frei Agostinho da Cruz e de Sebastião da Gama. Outras ainda eram excursões de uma tarde a Odivelas, para lermos cantigas trovadorescas junto ao túmulo de D. Dinis.

A dimensão das excursões variava, mas todas tinham como protagonista Lindley Cintra, que ora saía com os alunos para a rua, ora transportava a língua da rua para dentro da sala de aula. E às vezes causava distúrbios: uma noite, pacatos cidadãos de Vila Real queixaram-se à guarda de um grupo de jovens que andava a cantar pelas ruas, guiados por um senhor de mais idade. Esses jovens ainda hoje sentem os tímidos atrevimentos de então como revelações de que mais vida havia para viver, como poucos anos depois iriam confirmar.



Excursões

Ao lado, Lindley Cintra grava os dizeres de habitantes de Vilarinho de Samardã, Vila Real, em 1964, durante uma das suas “excursões dialetais”; em baixo, com o filólogo brasileiro Celso Cunha



Mas, noutro plano, Lindley Cintra tomava balanço para a criação de vários grandes projetos científicos, que nos anos 70 instalou no Centro de Estudos Filológicos, então, e por isso, renomeado Centro de Linguística: um atlas linguístico que prolongava as suas experiências anteriores, um vasto programa de entrevistas gravadas que alimentou, em primeiro lugar, a constituição do Português Fundamental (as palavras mais frequentes da língua) e, em seguida, numerosos arquivos e bases de dados que documentam com densidade quantitativa as diversas componentes da língua contemporânea; um laboratório de fonética experimental; uma unidade de edição de textos medievais. A dimensão atual do Centro de Linguística, a riqueza dos materiais que acumula e a diversidade das linhas de investigação que alberga não consentem que se diga, hoje, que tudo nele é obra de Lindley Cintra, mas praticamente tudo teve, no início, a mão dele e do primeiro punhado de colaboradores que reuniu em seu torno.

Estão a desaparecer as pessoas que o acompanharam. A presente comemoração centenária está a ser promovida principalmente por pessoas que não o conheceram, apenas viram de longe, não assistiram a aulas suas, não leram com ele um texto, não foram radiografadas pelo seu olhar. De onde lhes vem o conhecimento de Cintra? Do que ouvem contar a “apóstolos”, das instituições que criou ou remodelou e, principalmente, da obra científica que deixou e que resiste notavelmente à passagem do tempo.

Isto é indiscutivelmente verdade para os seus escritos de índole histórica, que se perfilam como aquisições perenes da erudição nacional. Também o é, parcialmente, para os seus estudos sobre as formas de tratamento, um tema por que tinha grande predileção, embora não tratasse ninguém por “você”, muito poucos por “tu” e quase todos pelo nome próprio ou o título. Aí, o tempo parece não estar a concordar com as suas previsões de 1970: a expansão que ele previa para o “você” luso-brasileiro talvez não se confirme, em benefício de um “tu” tipicamente mediterrânico. Quanto à sua ilimitada crença nos destinos comuns das culturas e da língua de Portugal e do Brasil, que está nos alicerces da sua obra mais popular, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, que escreveu em parceria com Celso Cunha, essa é uma crença que só tem a lucrar com o bom acolhimento que tal livro continua a ter.

De livros é feita a história em que Cintra já entrou. À medida que a sua memória ficar dependendo crescentemente da leitura desses livros, mais se afinará a urgência de os manter publicados e disponíveis. Alguns estão esgotados, outros para aí caminham. Apenas no dia 1 de janeiro de 2062 entrará a sua obra no domínio público e poderá, então, ser livremente republicada. Faltam 37 anos.

Luís Filipe Lindley Cintra nasceu em Lisboa em 5 de março de 1925. O centenário do seu nascimento será marcado por um colóquio na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a partir das 9h30, e pela inauguração de uma exposição na Reitoria da mesma universidade às 18h30. Esta exposição ficará aberta até 31 de maio de 2025

Professor da Universidade de Lisboa

O que tem Finisterra, Che Guevara, Portugal e o Luxemburgo a ver com os matraquilhos? Mais do que se pensa. Graças aos imigrantes portugueses, o Luxemburgo tornou-se numa potência na modalidade. A actual campeã do mundo é Ângela Costa, da Covilhã. Trabalha num lar de idosos e joga matraquilhos nas horas vagas. Fomos conhecê-la. Bem-vindos ao mundo dos matraquilhos

Por [Luís Pedro Cabral](#) texto e [Valter Vinagre](#) fotografia

Ângela, campeã do mundo de matraquilhos





Costuma dizer-se que o futebol é um espelho da sociedade. Os matraquilhos eram um espelho de ambos, quebrando o sortilégio do autoproclamado “desporto rei” logo pela raiz, já que o futebol, com exceção dos guarda-redes e de uma ou outra “mão de Deus”, se joga com os pés e os matraquilhos se jogam com as mãos. Matraquilhos tanto designam o jogo, como o sistema mecânico que lhe dá nome. Não é apenas um jogo. É muito mais do que isso. Em Portugal, é uma modalidade, mas ainda não é considerado um desporto, por não ter ainda Estatuto de Utilidade Pública Desportiva. É uma luta tão antiga quanto o estigma, que mais parece auto-imune, de ser um “jogo de café”, coisa para amadores.

E, no entanto, é portuguesa a campeã do mundo de matraquilhos, assim como são portugueses vários dos melhores atletas do mundo, alguns deles já deram dois títulos mundiais ao Luxemburgo, que em 2014 e 2015 conquistaram hegemonia na modalidade.

Ângela Silva é da Covilhã. Onde os “matrecos” já não são bem o que eram.

Esqueçam as tascas típicas de Portugal, de vinho de pipa e serradura no chão, os homens cansados que se acotovelam junto a um balcão de mármore, dispondo palitos em círculo em pires de petiscos, a discutir penalties duvidosos bebendo outros de tinto, enquanto o tempo parava, enquanto o tempo passava, assinalando dias vagos num calendário de uma marca de pneus com uma beldade em *topless* num destino tropical, debaixo de uma névoa pesada, feita de fumo de cigarros.

Esqueçam as feiras, as festas populares, as associações recreativas, as sedes dos clubes de bairro, todos aqueles lugares perdidos, alguns já perdidos nas memórias de outros tempos, quando estes lugares eram como se fossem o centro do mundo, o ponto de encontro, o sítio do costume. Longe, lá longe, num país a preto e branco, em que a moeda era o escudo e a moeda de um escudo aquela que se inseria no moedeiro dos “matrecos”, daqueles que tinham embutidos cinzeiros em ferro, sempre com um cigarro a queimar e uma “mini” de companhia, ao lado dos marcadores de aço inoxidável, com pequenas circunferências deslizantes de plástico, para assinalar os golos marcados em intermináveis dérbis ao “bota-fora”, disputados a oito ou a quatro mãos.

E aquele ruído metálico, aqueles trovões que eclodiam do terreno de jogo, que se misturavam nas vozes em redor, como num estádio. De vez em quando, alguém pousava, com a virilidade de uma bigorna, uma moeda na esquina da mesa, para desafiar os ases do momento. A malandrice fazia parte do jogo e o falatório, aquilo que no futebol profissional hoje se designa por *mind games*, eram o prato do dia. Nestes confrontos, não havia árbitros. A regra era só uma: ganhar, nem que o campo se inclinasse de vez em quando. Às vezes, fazia fãisca, não fosse este jogo, nos tempos da outra senhora, uma liga da condição masculina, numa composição de madeira, ferro, chumbo, testosterona e álcool.

Os jogadores podiam ser de chumbo, a sua disposição no terreno podia não encontrar tradução em nenhuma tática do futebol real – na versão original, os defesas estão sempre em desvantagem numérica perante os avançados, dois contra três, com o guarda-redes atrás, sendo que o meio-campo, onde as coisas se decidem e as grandes batalhas decorrem, era cinco contra cinco –, mas, como no futebol, prevaleciam quase sempre aqueles que →

conjugassem a força e a técnica. Valia tudo, incluindo, em casos desesperados, empurrar o varão do adversário.

Quando se jogava dois contra dois, só havia uma substituição possível. Quem jogava no ataque passava para a defesa e quem jogava na defesa passava para o ataque, nem sempre onde se ganhavam os jogos, mas certamente onde se definiam os craques, os mais requisitados, aqueles que todos queriam na sua equipa, os cromos mais difíceis dos bonecos da bola, os que jogavam e bebiam noites inteiras sem gastar os trocos, exercendo a velha lei dos vencedores e dos vencidos, como na vida. Tudo era em miniatura, à excepção do ruído. Por essa razão, foi-se instituindo o hábito pós-moderno de colocar as mesas de matraquilhos no exterior, em geral, em pátios ou esplanadas cobertas.

Ao longo dos tempos, este jogo foi perdendo a sua popularidade, que chegou a ser planetária, mas ainda não se lhe conhece o estatuto de peça de museu. Fez a travessia de regimes, de gerações, transversal ao campo, às cidades e aos seus confins suburbanos, presente até nas guerras. Durante décadas, os “matrecos” foram como uma panaceia social, um dos ópios que o povo tinha, quando pouco mais havia. Enquanto jogo, é gregário, apela e estimula o convívio. Talvez por isso resista, por entre este mundo globalizado, com *gadgets* e *apps* para tudo e mais alguma coisa, por entre a ilusão das redes sociais e a imensa tecnologia da solidão. Talvez seja esse o seu segredo.

A viagem dos matraquilhos

O inventor dos matraquilhos, rezam as lendas e as patentes, nasceu na Galiza, num lugar tão distante de tudo que os romanos lhe chamaram Finisterra, para assinalar o local onde a Terra se entregava aos temíveis baixios da Costa da Morte, onde tantos homens encontraram sepultura. Em Maio de 1919, na Finisterra nasceu Alejandro Campos Ramirez, que para sempre ficou conhecido como Alejandro “Finisterre”, apesar de só ter lá vivido até aos 11 anos. A sua veia republicana, uma herança de família, transportou-a toda a vida, uma vida longa, cheia de mundo.

Em 1936, quando eclodiu a Guerra Civil de Espanha, que opôs a Força Popular (republicana) aos “franquistas” do Movimento Nacionalista, Alejandro encontrava-se em Madrid. Meses depois, estava na Catalunha, entre os anarco-sindicalistas de Barcelona, a lutar pela Revolução Espanhola, três anos de uma guerra fratricida, que em Espanha deixou muitas feridas, muitas ainda por sarar. Em 1936, tinha apenas 17 anos quando foi ferido numa emboscada. Não fosse a rápida intervenção dos seus camaradas de armas, ter-lhe-iam amputado uma perna. Foi a primeira coisa que verificou, quando acordou no Hotel Colonia Puig de Montserrat, onde a resistência às forças fascistas tinha improvisado um hospital de campanha. Lá, nem toda a gente, incluindo crianças, tivera a mesma sorte que o jovem Alejandro. Se para alguns aquele interstício da guerra poderia parecer um oásis, os mutilados que por lá se arrastavam de pronto lhes recordavam que apenas se encontravam numa estação do Inferno.

Não raro em tempos de guerra, Alejandro perdeu-se de amores por uma enfermeira. Por ela, que tocava piano como uma diva, ele estava capaz de inventar um engenho para facilitar a sua vida quando tocava. Ainda bem que naqueles meses de convalescença ele estava na companhia de um amigo basco, de nome Francisco Xavier Altuna, que não era apenas um confidente, mas um verdadeiro transposi-

tor dos seus sonhos. Altuna era carpinteiro, antes de ser soldado. Alejandro era poeta, anarquista e, quando a necessidade estimulava o engenho, para mais com o pulsar de um coração apaixonado, inventor. Foi assim, entre o irracional de um amor secreto e a razão matemática, que se construiu o “passa folhas de partitura”, um mecanismo que permitia à enfermeira-pianista passar as ditas utilizando o pé em vez da mão e a ele cair nas boas graças dela. Se o seu amor foi correspondido, a história não conta. E também não há relatos de tal instrumento ter feito caminho na música.

No entanto, o ímpeto inventivo do soldado ferido, não se sabe se de amores, já não seria travado. As imagens de tantos jovens como ele – mutilados para a vida – relativizou as questões amorosas, gerando uma estirpe fraternal. Inspirou-se nas mesas de pingue-pongue que por ali havia, para fazer os planos de uma mesa de futebol, com componentes de madeira e metal, onde se podiam viver as emoções do jogo sem ter de correr atrás de uma bola. De novo com a ajuda imprescindível do seu amigo carpinteiro, nasceu o *futbolín*, um protótipo do que viriam a ser o futebol de mesa, um enorme sucesso entre os guerrilheiros libertários feridos. A sua função estava cumprida, mas a viagem dos matraquilhos só estava a começar. Depois de recuperar dos seus ferimentos, a de Alejandro também.

É por essas alturas (finais de 1937) que em Barcelona conhece Joan Busquets, um histórico anarquista, guerrilheiro antifascista e líder da Confederação Nacional do Trabalho, sindicato catalão, que passaria mais de duas décadas nas prisões franquistas. Terá sido Busquets a incentivá-lo a registar a patente do seu invento, coisa que Alejandro Campos Ramirez fez, antes de fugir para França, como tantos jovens, a salto pelos Pirenéus. Foi uma guerra longa e sangrenta (1936/1939), mas não tão longa como a ditadura de Franco, que obrigou muitos resistentes a um prolongado exílio.

Alejandro, o eterno “Finisterre”, fez com muitos espanhóis, partindo para a América Latina, primeiro para o Equador, onde fundou duas editoras: a Editorial Ecuador e a Editorial Finisterra, nas quais se publicaram obras de uma plêiade de grandes escritores espanhóis no exílio e sul-americanos. Foi na Guatemala – pátria adoptiva de muitos apátridas, onde corriam ventos progressistas antes de a CIA orquestrar um golpe de Estado –, que a sua vida estacionou, junto com a sua irmã, no início dos anos 1950, que floresceu o poeta e editor. Lá, Alejandro criou muitos outros inventos (na vida, registou mais de meia centena), aperfeiçoando o seu *futbolín*, pelo qual tinha especial carinho. A irmã de Alejandro, lutadora libertária no exílio, fez amizade com Hilda Gadea, escritora e líder comunista peruana, também ela no exílio depois do golpe de Estado de 1948, no Peru, que impôs a ditadura de Jacobo Árbenz. Hilda Gadea foi a primeira mulher de um jovem médico argentino, de nome Ernesto Guevara de la Serna, que andava na sua mota em périplo pela América do Sul, com quem casaria em 1955.

Foi assim que um dia Che Guevara experimentou com entusiasmo o *futbolín* de Alejandro. Foi assim que os matraquilhos começaram a popularizar um pouco por toda a América do Sul, fazendo igual trajeto na Europa, onde tinham ficado os primeiros protótipos do invento, depois desenvolvidos na Alemanha, que chegou a reclamar a autoria da invenção. Seja como for, este jogo disseminou por toda a parte, replicando, com maior e menor adorno técnico, o modelo original. Não foi por acaso que as mesas de matraquilhos se fizeram mo-



bília em tudo quanto era local de recreio, do mais central ao mais remoto.

Campeões do mundo portugueses

Há os matraquilhos clássicos do nosso imaginário de infância, fase pré-varão-telescópico, feitos de chumbo e de madeira, à boa maneira antiga, que continuam a marcar presença em muitas associações recreativas e muitas feiras por esse Portugal fora, com o seu moedeiro já perfeitamente adaptado à cotação do euro; há os matraquilhos domésticos; os matraquilhos *team building*, desde que muitas empresas de-

cidiram adoptar o velho jogo para gestão do stress moderno; há até matraquilhos electrónicos, aquilo que se pode definir tecnicamente nem carne, nem peixe; e há os matraquilhos de competição, toda uma outra história.

Nos matraquilhos de competição, mesmo em condições desiguais, Portugal tem pergaminhos. E, muito em razão dos jogadores portugueses emigrados, o Luxemburgo, também. Graças às prestações de jogadores luso-luxemburgueses, desde logo Yannick Correia, o mais famoso, campeão mundial individual em 2009, campeão mundial por equipas em 2013. Em 2014, jogadores luso-luxemburgueses – como



Campeã Ângela Costa é a mais recente campeã do mundo de matraquilhos, depois de uma final de cinco jogos em Paris, que venceu em toda a linha. Tem 33 anos, trabalha numa residência sénior na Covilhã, de onde é natural. Costuma praticar no Centro de Treinos e Formação da AMFMCB

sénior na Covilhã, de onde é natural. Nas horas vagas, está sempre perto de uma mesa de matraquilhos. Fomos ao seu encontro, no Centro de Treinos e Formação AMFMCB (Associação de Matraquilhos e Futebol de Mesa do distrito de Castelo Branco), na Quinta do Sangrinhal, Covilhã. Recebeu-nos na companhia de António Garra, presidente da Associação de Matraquilhos e Futebol de Mesa, seu sogro e grande impulsionador da modalidade. É pelo seu amor à camisola que aquele centro de alto rendimento dos matraquilhos existe, dispondo de mesas especiais, que em Portugal são pouco usuais em competição, mas que nas competições internacionais são incontornáveis.

“Existem vários tipos de mesas”, alerta Ângela. “As mesas internacionais oficiais são a Leonard (mesa alemã); a Robert Sport (mesa italiana); a Garlando (mesa italiana); a Tornado (mesa americana); a Bonzini (mesa francesa) e a Two Legs (mesa espanhola). A mesa tradicional portuguesa, não é reconhecida pela federação internacional”, explica a campeã do mundo.

Todas as mesas onde se disputam as competições internacionais, portanto, têm em comum o facto de serem muito diferentes da

mesa lusa, na tradição de madeira e chumbo. Se isto é uma desvantagem? “É e não é”. Traduzindo: “As mesas de matraquilhos nacionais dão aos jogadores portugueses um estilo e uma técnica muito própria que os nossos adversários internacionais, formatados ao plástico, não estão habituados”. Eles podem saber executar na perfeição as fintas clássicas, como a *snake*; a americana, os martelos. Nós somos mais de fazer rodriguinhos à frente. As nossas fintas são mais técnicas. Eles têm fintas muito formatadas, embora muito eficazes, nós temos fintas diferentes”.

Ângela Costa não é campeã do mundo por alguma obra do acaso. Antes de mais porque as classificações para as competições internacionais funcionam pelo sistema de ranking, muito similar ao ténis. Convém esclarecer que também é campeã nacional em singulares e a pares, fazendo parilha com uma jogadora muito especial, de 10 anos. Melinda, a sua filha, pratica a modalidade oficialmente há dois anos. E, reforça a mãe, com orgulho, “foi campeã distrital de juniores em 2023 e, mais recentemente, foi campeã nacional de duplas femininas comigo, no Campeonato Nacional realizado na Amadora”.



o referido Yannick Correia, Steve Dias (capitão e seleccionador), Christophe Dias, Fábio Ferreira e Bruno Gonçalves (campeão europeu), constituindo a maioria dos jogadores da selecção do grão-ducado – conduziram a selecção luxemburguesa ao título mundial, que revalidou em 2015. Yannick Correia, quatro vezes campeão mundial, representa as cores de Portugal desde 2023.

A mais recente estrela mundial de matraquilhos, é portuguesa. Ângela Costa sagrou-se recentemente campeã do mundo, em Paris, numa final de cinco jogos, que venceu em toda a linha. Tem 33 anos, trabalha numa residência

Amadora a Ângela é, pois em Portugal ainda se está a léguas de um atleta poder viver dos matraquilhos, “como acontece nos EUA, que é a grande potência mundial, mas em alguns países da Europa também, como é o exemplo da Alemanha, que tem grandes equipas de matraquilhos como o Eintracht de Frankfurt ou o Dortmund. Há atletas que já fazem disto profissão, na Alemanha, em França, nos EUA. Ainda estamos muito longe de lá chegar”, diz António Garra. A Ângela recusou um convite para ir para a Bundesliga (alemã). A modalidade no Luxemburgo, foi 90% dos atletas portugueses que fizeram evoluir a modalidade, que é francamente boa. Já há muitos atletas luso-luxemburgueses”, acrescenta. Ângela confessa que é uma pessoa muito competitiva, que não gosta de perder nem a feijões. Foi assim no ténis, foi assim no bilhar, em qualquer desporto que experimentou. Jogar só faz sentido quando é para ganhar. É claro que já conhecia o jogo de matraquilhos, que anda por aí há tanto tempo que mais parece uma tradição, mas desconhecia por completo que podia ser uma modalidade considerada de alta-competição.

Bruno Garra, que viria a ser o seu marido, convidou-a um dia para jogar bilhar e arrependeu-se. Para se desforrar de uma derrota histórica, convidou-a depois para o “seu” jogo: os matraquilhos, não fosse filho de António Garra. “Foi um bocadinho mais equilibrado”, brinca Ângela. “Mas não por muito tempo”. Bruno, que também é muito competitivo, teve de habituar-se. Hoje custa menos. Quando perde, sempre tem a desculpa de ter perdido com a campeã do mundo de matraquilhos. Usou a velha máxima: se não os podes vencer, junta-te a eles. Ângela e Bruno tornaram-se campeões nacionais, na categoria “mistos”.

Uma coisa é levar os matraquilhos na brincaadeira, outra bem diferente é a modalidade de competição. “Quando é a doer”, como diz António Garra. “Já há treinadores, seleccionadores, árbitros oficiais, jogadores internacionais que vivem dos matraquilhos. E mesmo assim os jogadores portugueses são dos melhores do mundo. É obra”. É claro “que é preciso dar condições aos atletas para treinar. Para ter pontos no ranking é preciso competições internacionais e isto implica muitas viagens e muitas despesas. Apaixonei-me pela modalidade. Sou o ‘parvo’ de serviço, que gasta muito dinheiro do seu bolso”.

Internacionalmente, ainda há muito caminho para andar, mas em Portugal há muito mais. “Já estive para ser modalidade olímpica, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, mas o COI não gostou muito do que viu. Por que é que há cinco mesas homologadas? Os fabricantes não abdicam das mesas. É um negócio de muitos milhões. A federação internacional não tem força para impor uma uniformidade”, lamenta António Garra.

Para quem trabalha numa residência sénior, como a campeã do mundo de matraquilhos, o tempo também é um problema. “Tenho turnos rotativos. E para, além disso, tenho duas filhas (3 e 10 anos). Quando tenho uma competição nacional ou internacional, tenho de fazer no mínimo dois, três treinos por semana, para fazer a adaptação às mesas”. Aqui há uns anos, Ângela não se imaginava a debitar uma frase destas. E nem nos seus sonhos mais extravagantes lhe passou um dia pela cabeça ser campeã do mundo de matraquilhos. A vida, apesar de nos matraquilhos ser proibido, faz muitas roletas.

Texto publicado originalmente no Contacto, jornal luxemburguês em língua portuguesa

Semana de lazer

Por **Sílvia Pereira**

lazer@publico.pt

Música

A igualdade é musa

Caliope torna a dar música à sensibilização para a igualdade de género, a propósito do Dia Internacional da Mulher. A *Garota Não* (na imagem), Elisa Rodrigues, Joana Espadinha e Marta Hugon, quatro das fundadoras do projecto, representam-no de braço dado com o Coro das Mulheres da Fábrica. Hugon assume a direcção artística; Luís Figueiredo, a musical. E as receitas revertem para a Casa Femina - Centro de Acolhimento de Emergência.



COIMBRA Convento de São Francisco.
Dia 7 de Março, às 21h30.
Bilhetes de 10€ a 15€

Teatro

Robert Wilson em Pessoa

O que acontece quando um gigante do teatro mais vanguardista e experimental se embrenha no(s) imaginário(s) de um poeta maior que a própria pena? Uma “aventura deslumbrante” num “misterioso caleidoscópio”, responde a folha de sala de *Pessoa - Since I've Been Me*, encenada pelo norte-americano Robert Wilson. Reflexo das várias dimensões estilísticas e existenciais de Fernando Pessoa, é uma ode à liberdade - de pensamento, linguagem, identidade - numa atmosfera ora simbólica ora associativa, regrada ou caótica, cómica ou contemplativa. “Wilson está tão atento quanto Pessoa à realidade dos sonhos e à falta de confiança no concreto”, observa Darryl Pinckney, que trata da dramaturgia. Maria de Medeiros (na imagem), Aline Belibi, Rodrigo Ferreira, Klaus Martini, Sofia Menci, Gianfranco Poddighe e Janaína Suaudeau compõem o elenco.

LISBOA São Luiz Teatro Municipal.
De 6 a 8 de Março. Quinta a sábado, às 20h.
Bilhetes de 12€ a 15€



Teatro

Difícil de engolir

Pode um jantar ter sabor a globalização, crise climática, capitalismo, ansiedade, migrações? Sim, quando o anfitrião é o Teatro da Didascália, quando o palco se torna cozinha e quando na ementa vem uma “peça de teatro-comestível” determinada a “expor as camadas invisíveis da alimentação e os impactos do sistema alimentar”. É altura de

Comer a Terra numa peça-refeição com dramaturgia e encenação de Bruno Martins, e interpretação de Cláudia Berkeley, Eduardo Breda e Pedro Couto, sem esquecer a *chef* Tânia Durão na criação gastronómica. No meio de especiarias e especialidades, com direito a “legumes quilómetro zero, produzidos por pessoas quilómetros mil”, vai enchendo a barriga com um nó no estômago. Não vale dizer que o grupo não avisou: “venha preparado para comer, mas nem tudo será fácil de engolir”. Depois da estreia em Joane, entra em itinerância rumo a Barcelos (21 de Março), Marinha Grande (5 de Abril), Penafiel (11 de Abril), Ourém (9 de Maio) e Faro (5 e 7 de Junho).

VILA NOVA DE FAMALICÃO

Espaço Fauna, em Joane.

De 6 a 15 de Março.

Quinta a sábado, às 20h.

Bilhetes de 15€ a 25€ (inclui entrada, prato principal, água, copo de vinho, sobremesa e digestivo)

Dança

Stuart e Camacho entre “artefactos emocionais”

A cumplicidade artística entre a norte-americana Meg Stuart e o português Francisco Camacho tem mais de 30 anos. Revelou-se, por exemplo, em *Blessed* (2007), solo coreografado por ela, para ele dançar. Agora, aprofunda-se na forma de um dueto: *Steal You From a Moment*. A inspiração vem dos vestígios da antiga civilização nurágica (Sardenha, Itália). Num espaço cénico que remete para esse lugar de mistério e intemporalidade, dedicam-se a “escavar artefactos emocionais” - descreve a nota da *Damaged Goods* (a companhia de Stuart) - enquanto “rebobinam e aceleram, codificam e decifram, criam e quebram padrões”. A estreia nacional acontece no Porto, já



com regresso marcado para 11 e 12 de Abril, em Braga, e para 10 de Maio, em Faro.

PORTO

Rivoli.

De 6 a 8 de Março, às 19h30.

Bilhetes a 12€

Teatro

Está Lá, nas migrações

Num simples advérbio de lugar cabe o novo texto teatral de José Luís Peixoto (na imagem). Fica *Lá*, onde a vida há-de ser melhor. Ou assim pensam dois homens e uma rapariga, nos seus movimentos dentro do Portugal dos anos 1960



e de hoje. É levado à cena pelo Teatro Meridional - que assim reincide na colaboração com o escritor (já lá vão *À Manhã* e *Vida Inversa*) -

em conluio com o Teatro do Montemuro. A encenação é de Miguel Seabra; a interpretação, de Abel Duarte, Cristina Sousa e Eduardo Correia. Estreia-se na casa do primeiro, em Lisboa, mas também irá à do segundo, na aldeia de Campo Benfeito (Castro de Aire) - o que vem “muitíssimo a propósito”, nas palavras de Peixoto, “uma vez que o tema central da peça são as migrações entre a ruralidade e o mundo urbano no nosso país”. Depois, segue em digressão.

LISBOA

Teatro Meridional.

De 6 a 30 de Março. Quarta a sábado, às 21h; domingo, às 16h.

Bilhetes a 13€



Dia de sair



Cartaz, críticas, trailers e passatempos em **cincartaz.publico.pt**

CINEMA

Lisboa

Cinema City Alvalade

Av. de Roma, 100. T. 214221030

Imagem de Uma Mãe 13h25; **Ainda Estou Aqui** M12. 15h15, 16h20, 19h, 21h40; **Joān Baez: A Cantiga é uma Arma** M12. 14h10; **O Brutalista** M16. 17h30; **Paddington na Amazônia** M6. 11h35 (VP); **A Complete Unknown** M12. 21h30; **Sing Sing** M12. 15h25; **Um Panda em África** M6. 11h25 (VP); **Volveréis - Voltareis** M12. 17h35; **Flow - À Deriva** M6. 11h30, 13h30, 19h50; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 21h35; **Oh, Canada** M12. 13h20; **Homem-Cão** M6. 11h20, 15h20 (VP); **Parthenope** M16. 21h45; **Visita de Estudo** M14. 17h55; **Memórias de um Caracol** M12. 19h50

Cinema City Campo Pequeno

Centro de Lazer. T. 214221030

Vaiana 2 M6. 11h35 (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 11h10 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 16h (VP); **A Verdadeira Dor** M12. 13h30; **Ainda Estou Aqui** M12. 15h25, 18h10, 21h10; **O Brutalista** M16. 15h, 20h40; **Paddington na Amazônia** M6. 11h15, 15h50, 18h30 (VP); **A Complete Unknown** M12. 15h40, 18h20; **Sing Sing** M12. 18h55; **Um Panda em África** M6. 13h35 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 18h40, 21h20; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 18h, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 11h20, 13h40, 15h40; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 13h15, 21h25; **O Macaco** M14. 19h25; **Homem-Cão** M6. 11h30, 13h15, 15h20, 17h25, 19h30 (VP); **Parthenope** M16. 20h50; **Resgate Em Alto Mar** M12. 13h40, 21h35; **Chhaava** M14. 21h; **Dragon Ball Z - Battle of Gods** M12. 15h20, 17h20

Cinema Fernando Lopes

Cp. Grande. T. 217515500

Emília Pérez M14. 16h30; **O Brutalista** M16. 21h30; **A Rapariga da Agulha** M14. 19h; **Memórias de um Caracol** M12. 14h30

Cinema Ideal

Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295

Ainda Estou Aqui M12. 16h45, 21h15; **O Brutalista** M16. 11h; **Flow - À Deriva** M6. 15h; **No Other Land** M12. 19h15

Medeia Nimas

Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223

Veludo Azul 15h; **Longe da Estrada** M12. 13h; **O Brutalista** M16. 20h; **Encontro com Pol Pot** M14. 11h; **Parthenope** M16. 17h30

Turim

Estr. Benfica, 723A. T. 217606666

Um Panda em África M6. 11h (VP)

UCI Cinemas - El Corte Inglés

Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400

Central do Brasil M12. 11h, 16h10, 21h15; **Anora** M16. 18h50; **Conclave** M12. 16h30, 21h20; **A Semente do Figo Sagrado** M14. 13h20, 17h30; **Maria** M12. 13h30, 18h35; **Babygirl** M14. 19h; **A Verdadeira Dor** M12. 14h15, 19h10; **Ainda Estou Aqui** M12. 13h25, 16h30, 18h40, 21h45; **O Brutalista** M16. 13h10, 21h10; **Paddington na Amazônia** M6. 10h50, 13h20, 15h55 (VP); **A Complete Unknown** M12. 16h, 18h55, 21h55; **Sing Sing** M12. 21h50; **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 15h50, 21h25; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 16h20, 21h40; **Flow - À Deriva** M6. 16h15, 21h20; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 16h25, 21h35; **O Macaco** M14. 14h, 19h30, 22h; **Oh, Canada** M12. 13h15, 18h55; **Ouro Verde** M12. 13h30; **Homem-Cão** M6. 11h30, 14h10, 16h25, 18h40 (VP); **Parthenope** M16. 11h10, 13h35, 16h05, 18h45, 21h30; **Resgate Em Alto Mar** M12. 11h20, 13h45, 16h35, 19h10, 21h50; **Bucha - Memória ou Esquecimento** M14. 13h25; **O**



Império M14. 11h15, 13h50, 19h05; **Memórias de um Caracol** M12. 10h40, 16h40, 21h35

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide

C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030

Uma Família Assustadora M6. 11h20 (VP); **Conclave** M12. 21h50; **Maria** M12. 21h40; **Mufasa: O Rei Leão** M6. 11h10, 16h, 19h45 (VO); **Sonic 3: O Filme** M6. 11h40 (VP) 13h25 (VO); **A Verdadeira Dor** M12. 13h40; **Ainda Estou Aqui** M12. 15h35, 18h20, 21h20; **O Brutalista** M16. 21h; **Paddington na Amazônia** M6. 11h40, 13h40, 15h30, 18h40 (VP); **A Complete Unknown** M12. 18h10, 21h10; **Sing Sing** M12. 17h50; **Um Panda em África** M6. 11h15 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 15h50, 19h, 21h25; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 12h50, 15h25, 18h50, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 11h20, 13h30, 15h40; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 15h40, 22h10; **O Macaco** M14. 19h40; **Homem-Cão** M6. 11h35, 13h, 15h20, 16h10, 17h25, 18h30, 19h30, 20h50 (VP); **Resgate Em Alto Mar** M12. 19h55, 21h35; **Dragon Ball Z - Battle of Gods** M12. 15h20, 17h20

UCI Cinemas - Ubbó

Estrada Nacional 249/1, Venteira. T. O Vaiana 2 M6. 10h50, 13h35, 16h (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 10h45, 13h40, 18h45 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 11h, 14h10, 16h45 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 16h30, 21h45; **Paddington na Amazônia** M6. 13h45, 16h20, 18h50 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 18h40, 21h25; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 13h30, 13h55, 16h15, 18h55, 19h05, 21h40, 21h55; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 19h20, 21h50; **O Macaco** M14. 14h20, 16h50, 19h15, 21h35; **Homem-Cão** M6. 11h10, 14h, 16h10, 18h30, 21h15 (VP); **Resgate Em Alto Mar** M12. 13h50, 16h40, 19h25, 21h30, 21h45

Barreiro

Castello Lopes - Fórum Barreiro

Campo das Cordoarias. T. 212069440

Mufasa: O Rei Leão M6. 15h50 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 11h05 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 18h30, 21h15; **Flow - À Deriva** M6. 11h10, 14h50,

16h55; **O Macaco** M14. 19h30, 21h35; **Homem-Cão** M6. 11h, 15h10, 17h20 (VP); **Visita de Estudo** M14. 13h10

Caldas da Rainha

Cineplace La Vie - Caldas da Rainha

C.C. La Vie. T. O

Uma Família Assustadora M6. 15h10 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 13h (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 21h15; **Paddington na Amazônia** M6. 13h, 15h05 (VP); **A Complete Unknown** M12. 19h; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 16h50, 21h20; **Flow - À Deriva** M6. 13h10, 15h; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 19h15; **O Macaco** M14. 17h15; **Homem-Cão** M6. 13h20, 15h20, 17h20, 19h20 (VP); **Parthenope** M16. 21h40; **Resgate Em Alto Mar** M12. 17h, 21h50; **O Auto da Compadecida 2** M12. 19h20

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra

Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352

Uma Família Assustadora M6. 11h15 (VP); **Vaiana 2** M6. 11h10 (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 18h50 (VP) 21h30 (VO); **Sonic 3: O Filme** M6. 10h50, 15h50 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 13h10, 18h30, 21h15; **Paddington na Amazônia** M6. 10h55, 14h05, 16h30 (VP); **A Complete Unknown** M12. 14h, 20h50; **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 18h55, 21h25; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 11h05, 13h10, 15h15, 17h20, 19h25, 21h30; **O Macaco** M14. 13h10, 17h20, 19h30, 21h35; **Oh, Canada** M12. 16h50, 18h50; **Homem-Cão** M6. 11h, 15h15 (VP)

Leiria

Cinema City Leiria

Rua Dr. Virgílio Vieira da Cunha, Ponte das Mestras. T. 244845071

Uma Família Assustadora M6. 11h10, 13h10 (VP); **Vaiana 2** M6. 11h20, 13h30, 15h40 (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 15h10, 17h40 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 11h30 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 21h40; **O Brutalista** M16. 21h; **Paddington na Amazônia** M6. 11h30 (VP); **Um Panda em África** M6. 11h15 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 13h, 15h50, 19h, 21h35; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 15h15, 18h30, 21h30; **O Atentado de 5 de Setembro** M12.

19h45; **O Macaco** M14. 17h50, 21h45; **Homem-Cão** M6. 11h25, 13h40, 15h30, 16h, 17h35, 18h40, 19h40, 21h30; **Resgate Em Alto Mar** M12. 13h20, 21h50; **Visita de Estudo** M14. 19h50; **Dragon Ball Z - Battle of Gods** M12. 15h20, 17h20

Cineplace - Leiria Shopping

C.C. Leiria Shopping. T. 244826516

Uma Família Assustadora M6. 15h (VP); **Vaiana 2** M6. 13h (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 16h30, 19h, 21h30; **Sonic 3: O Filme** M6. 13h (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 21h20; **Paddington na Amazônia** M6. 13h20, 15h40 (VP); **A Complete Unknown** M12. 22h; **Sing Sing** M12. 15h10; **Um Panda em África** M6. 13h50 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 17h20; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 16h30, 19h, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 15h40; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 19h40; **O Macaco** M14. 17h40, 21h40; **Homem-Cão** M6. 13h20, 15h20, 17h20, 19h20 (VP); **Parthenope** M16. 19h10, 21h50; **Resgate Em Alto Mar** M12. 17h30, 19h30, 21h30; **O Império** M14. 19h50; **O Auto da Compadecida 2** M12. 16h50

Loures

Cineplace - Loures Shopping

Quinta do Infantoado, Loja A003. T. O

Uma Família Assustadora M6. 13h30, 15h20 (VP); **Vaiana 2** M6. 15h20 (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 14h (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 17h10 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 21h20; **Paddington na Amazônia** M6. 13h, 17h10 (VP); **A Complete Unknown** M12. 21h40; **Sing Sing** M12. 19h20; **Um Panda em África** M6. 13h30 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 21h40; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 16h30, 19h, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 13h10 (VP); **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 19h30; **O Macaco** M14. 17h20; **Homem-Cão** M6. 13h20, 15h, 15h20, 17h20, 19h20 (VP); **Parthenope** M16. 21h30; **Resgate Em Alto Mar** M12. 15h10, 19h20, 21h20; **O Império** M14. 19h20; **O Auto da Compadecida 2** M12. 17h

Torres Novas

Castello Lopes - TorreShopping

Bairro Nicho - Ponte Nova. T. 249830752

Mufasa: O Rei Leão M6. 13h20 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 18h50; **Paddington na Amazônia** M6. 11h10, 15h45 (VP); **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 16h30, 19h, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 11h05, 13h10, 19h25, 21h30; **O Macaco** M14. 21h35; **Homem-Cão** M6. 11h, 16h (VP); **Visita de Estudo** M14. 14h25

Santarém

Castello Lopes - Santarém

Largo Cândido dos Reis. T. 243309340

Vaiana 2 M6. 11h10 (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 11h20, 15h20 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 10h50 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 13h10, 15h50, 18h30, 21h15; **Paddington na Amazônia** M6. 11h15, 14h05, 16h30 (VP); **A Complete Unknown** M12. 18h, 20h50; **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 18h55, 21h25; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 11h05, 15h15, 17h20, 19h25, 21h30; **O Macaco** M14. 19h30, 21h35; **Homem-Cão** M6. 11h, 13h10, 15h15, 17h20 (VP); **Visita de Estudo** M14. 13h10

Setúbal

Auditório Charlot

Av. Dr. António Manuel Gamito, 11. T. 265522446

Parthenope M16. 16h, 21h30

Cinema City Alegro Setúbal

C.C. Alegro Setúbal. T. 214221030

Uma Família Assustadora M6. 11h30 (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 11h15, 13h45, 16h15, 18h50, 21h20 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 11h10, 13h30, 15h50 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 18h10, 21h10; **O Brutalista** M16. 20h40; **Paddington na Amazônia** M6. 11h20, 14h40 (VP); **Um Panda em África** M6. 11h15 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 13h, 15h35, 19h, 21h25; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 13h20, 15h55, 17h55, 19h10, 21h40; **Flow - À Deriva** M6. 11h25, 13h25; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 21h30; **O Macaco** M14. 13h15, 15h25, 17h35, 19h45, 21h55; **Homem-Cão** M6. 11h20, 13h30, 15h20, 16h, 17h25, 18h30, 19h30, 21h (VP); **Resgate Em Alto Mar** M12. 13h25, 21h35; **Visita de Estudo** M14. 19h35; **Dragon Ball Z - Battle of Gods** M12. 18h10, 21h10

Seixal

Cineplace Rio Sul Shopping - Seixal

C.C. Rio Sul Shopping. T. O

Uma Família Assustadora M6. 13h10 (VP); **Vaiana 2** M6. 13h, 15h (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 17h (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 17h10 (VP); **Paddington na Amazônia** M6. 15h (VP); **Um Panda em África** M6. 13h40 (VP); **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 21h30; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 19h10, 21h40; **Flow - À Deriva** M6. 15h30; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 19h30; **O Macaco** M14. 19h20; **Homem-Cão** M6. 13h10, 15h10, 17h10, 19h30 (VP); **Resgate Em Alto Mar** M12. 17h20, 21h20; **O Auto da Compadecida 2** M12. 21h30

Lagos

Algarcine - Cinema de Lagos

R. Cândido dos Reis. T. 282799138

Anora M16. 16h; **Ainda Estou Aqui** M12. 17h; **A Complete Unknown** M12. 19h20; **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 21h45; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 21h40; **Flow - À Deriva** M6. 14h; **O Macaco** M14. 20h; **Homem-Cão** M6. 15h30, 18h20 (VP)

Albufeira

Cineplace AlgarveShopping - Guia

Estrada Nacional 125 - Vale Verde, Guia. T. O

Uma Família Assustadora M6. 14h40; **Vaiana 2** M6. 13h (VP); **Mufasa: O Rei Leão** M6. 16h30 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 16h30 (VP); **Sonic 3: O Filme** M6. 13h30 (VP); **Ainda Estou Aqui** M12. 21h40; **Paddington na Amazônia** M6. 15h20 (VP); **Sing Sing** M12. 15h; **Um Panda em África** M6. 15h40; **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 18h50; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 17h30, 21h30; **Flow - À Deriva** M6. 14h30; **O Atentado de 5 de Setembro** M12. 17h20; **O Macaco** M14. 20h, 22h; **Homem-Cão** M6. 13h, 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Parthenope** M16. 19h, 21h40; **Resgate Em Alto Mar** M12. 17h30, 19h30, 21h30; **O Império** M14. 19h20; **O Auto da Compadecida 2** M12. 21h20

Portimão

Algarcine - Cinemas de Portimão

Av. Miguel Bombarda. T. 282411888

Anora M16. 17h; **Conclave** M12. 15h30; **Ainda Estou Aqui** M12. 21h40; **A Complete Unknown** M12. 19h; **Bridget Jones: Louca Por Ele** M12. 19h30; **Capitão América: Admirável Mundo Novo** M12. 21h40; **Flow - À Deriva** M6. 14h; **Homem-Cão** M6. 14h, 15h30, 17h30 (VP)

Dia de ficar

CINEMA

O Rapaz e a Garça (VO) TVCine Edition, 8h10

O especial *Rumo aos Óscares* termina neste domingo com uma maratona de filmes vencedores ou nomeados como os melhores em absoluto ou em categorias como internacional ou animação. Abre com este drama animado (e algo autobiográfico) do mestre japonês Hayao Miyazaki, sobre um rapaz que se muda para uma cidade rural depois de perder a mãe e é levado por uma garça para um mundo alternativo, povoado de seres fantásticos. A ronda prossegue com *Mais Uma Rodada* (10h10), *Dunkirk* (12h05), *Gladiador* (13h50), *Kramer Contra Kramer* (16h20), *Birdman ou (a Inesperada Virtude da Ignorância)* (18h05), *Ficção Americana* (20h), *A Zona de Interesse* (22h) e *O Caçador* (23h45).

O Dia da Independência Hollywood, 11h55

Também o canal Hollywood se sintoniza nas estatuetas douradas, a propósito da aproximação da gala, mas com um alinhamento mais específico, feito de filmes que conquistaram o prémio de melhores efeitos visuais. *O Dia da Independência*, ficção científica de uma invasão alienígena com realização de Roland Emmerich, ganhou-o em 1997. Os vencedores que se seguem são *Homem-Aranha 2* (às 14h15), *Dune - Duna: Parte Um* (16h25), *Tenet* (19h) e *Blade Runner 2049* (21h30).

PRÉMIOS

Óscares 2025 RTP1, 00h

A estação pública faz ligação directa a Los Angeles, onde o comediante Conan O'Brien se encarrega de apresentar, pela primeira vez, a gala dos cobichados prémios da Academia de Hollywood, naquela que é já a 97.ª edição. O filme com mais nomeações é *Emilia Pérez*, com 13. A seguir vêm *O Brutalista* e *Wicked*, ambos indicados numa dezena de categorias. Por cá, a emissão é conduzida por Mário Augusto (que antes, às 19h55, também aparece na RTP3, a lançar apostas na sua *Janela Indiscreta*), na companhia de César Nóbrega. Pela primeira vez em Portugal, os Óscares passam também em directo no *streaming*, através da Disney+, onde o desfile de prémios passa em modo “sem comentários”, a partir da meia-noite.

Televisão

Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 28

		%	Aud.	Share
Secret Story Desafio	TVI	9,3	18,5	
Telejornal	RTP1	9,1	17,9	
Jornal Nacional	TVI	9,0	17,8	
O Preço Certo	RTP1	8,8	19,2	
Jornal da Noite	SIC	8,2	16,2	

FONTE: CAEM

RTP1	11,1%
RTP2	0,6
SIC	13,9
TVI	15,5
Cabo	39,2

RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.30** Os Cinco Irmãos **12.26** Mesa Portuguesa... Com Estrelas com Certeza! **12.59** Jornal da Tarde **14.12** O Leão da Estrela

16.13 Rir para Ganhar

19.59 Telejornal

21.23 Got Talent Portugal

0.00 Óscares 2025



3.47 Parlamento

4.38 Terra Europa

SIC

6.55 Edição da Manhã **9.05** Casa Feliz **11.55** Vida Selvagem **12.58** Primeiro Jornal **15.15** Fama Show **15.40** Domingão

19.55 Jornal da Noite

21.35 Isto É Gozar com Quem Trabalha

22.15 A Máscara



1.15 O Clube

2.25 Investigação Criminal: Los Angeles

3.25 Investigação Criminal

RTP2

6.00 Biosfera **6.28** Faça Chuva Faça Sol **7.00** Folha de Sala **7.04** Irmãos Entre os Leões **7.52** Afazeres do Mês **7.57** Espaço Zig Zag **14.49** Folha de Sala **14.53** Afazeres do Mês **15.00** Desporto 2 **17.02** Caminhos **17.29** 70x7 **17.56** Folha de Sala **18.01** Grandes Compositores: A Música do Cinema **18.49** Temos Programa **19.17** Bump **19.49** Folha de Sala **19.53** Máscaras do Mal

21.30 Jornal 2

22.01 O Apotecário Melchior

22.43 Folha de Sala

22.50 Passagem Secreta

23.31 Clémenceau, a Força de Amar

1.15 Cinemax

2.19 O Detective de Chelsea

3.06 Novos Autores

4.01 Folha de Sala

4.05 Brainstorm **4.50** Joga Quem

Quizzer **5.13** Jovens Cientistas dos

Açores **5.29** Madeira Profunda

5.58 Folha de Sala

TVI

6.15 As Aventuras do Gato das Botas **6.45** Diário da Manhã **7.15** Inspector Max **9.00** Sabores de Itália

10.00 Missa

10.45 Em Família

12.58 TVI Jornal

14.00 Funtástico



19.57 Jornal Nacional

21.30 Secret Story

1.30 Jardins Proibidos

TVCINETOP

16.20 Todos Menos Tu **18.00** Cash Out - Assalto Perfeito **19.30** Renfield **21.00** Em Chamas **22.20** My Policeman **0.10** A Minha Alegria

STAR MOVIES

17.41 Nico, à Margem da Lei **19.27** Fogo Cerrado **21.15** À Procura de Vingança **22.51** Em Terra Selvagem **0.35** Harry, o Implacável

HOLLYWOOD

16.25 Dune - Duna: Parte Um

19.00 Tenet **21.30** Blade Runner 2049

0.10 Altitude

AXN

16.00 A Mulher Rei **18.30** Dragonball: Evolução **20.05** Jogo Mortal **21.55** The Gunman - O Atirador **23.59** O Lobo de Wall Street

STAR CHANNEL

17.09 Blitz - Sem Remorsos **19.03** Esquadrão Suicida **21.20** Piratas das Caraíbas - A Maldição do Pérola Negra **23.59** O Mascarilha

DISNEY CHANNEL

16.10 Os Green na Cidade Grande **18.40** Os Green na Cidade Grande: Salvar o Greenverso - O Filme **20.05** Kiff **20.45** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

16.25 Os Últimos Lenhadores **18.15** Sobreviver no Bote **21.00** A Febre do Ouro **21.55** A Febre do Ouro: Minas Perdidas **0.46** A Febre do Ouro

HISTÓRIA

16.29 A Comida Que Mudou o Mundo **17.53** Encontros com OVNI **20.12** O Inacreditável com Dan Aykroyd **22.16** A Maldição de Oak Island **23.41** O Inacreditável com Dan Aykroyd

ODISSEIA

16.00 Os Últimos Dinossauros com David Attenborough **17.48** Dinossauros do Continente Gelado **19.33** Cães Muito Mal-Educados **21.07** Vida Abaixo de Zero **22.40** Himbas, Perdidos no Tempo **23.35** Os Pigmeus **0.28** Os Planetas

DOCUMENTÁRIO

Os Últimos Dinossauros com David Attenborough Odisseia, 16h

David Attenborough, o lendário apresentador, biólogo e historiador natural britânico, conduz este documentário focado no dia em que a queda de um asteróide na Terra terá provocado a extinção dos dinossauros. Para isso, acompanha os trabalhos num sítio arqueológico do Dakota do Norte (EUA) que estão a produzir descobertas reveladoras. Esse dia apocalíptico é recriado, de acordo com novos dados e com recurso à tecnologia de imagem mais recente, em dois episódios de uma hora cada. É o início do *Especial Animais Pré-Históricos*, que estreia novos programas todos os domingos de Março. Os próximos são *A Conquista dos Céus* (dia 9), *Vida Primordial* (16), *O Mistério das Aves Pré-Históricas* (23) e *A Era dos Dinossauros* (30).

ESPECTÁCULO

Passagem Secreta RTP2, 22h50

Estreia televisiva do espectáculo em que Fernando Mota explora a criação de instrumentos e objectos sonoros a partir de materiais naturais como árvores, pedras ou água. Em palco está uma espécie de harpa suspensa, feita de uma azinheira, acompanhada pela poesia de Vasco Gato e pelas imagens de Mário Melo Costa. Juntas, estabelecem ligações “entre o sistema de comunicação das árvores, através das suas raízes, e os conceitos de raízes familiares, pertença e comunidade”, refere a nota de apresentação.

INFANTIL

Dragon Ball: A Lenda de Shenron (VP)

Panda Kids, 13h30

Animação japonesa dos anos 1980, com realização de Daisuke Nishio e argumento de Toshiki Inoue, a partir da *manga* original de Akira Toriyama - a mesma que teve uma versão em série televisiva capaz de fazer parar turmas inteiras para não perder um episódio. Os fãs de *Dragon Ball* podem preparar as pipocas para mais aventuras domingueiras com Son Goku e companhia. Nas próximas semanas, sempre a esta hora, passam os filmes *O Castelo Fantástico* (dia 9), *Aventura Mística* (16) e *Devolvam o Gohan* (23).



Jogue também online.
Palavras-cruzadas,
bridge e sudoku em
www.publico.pt/jogos

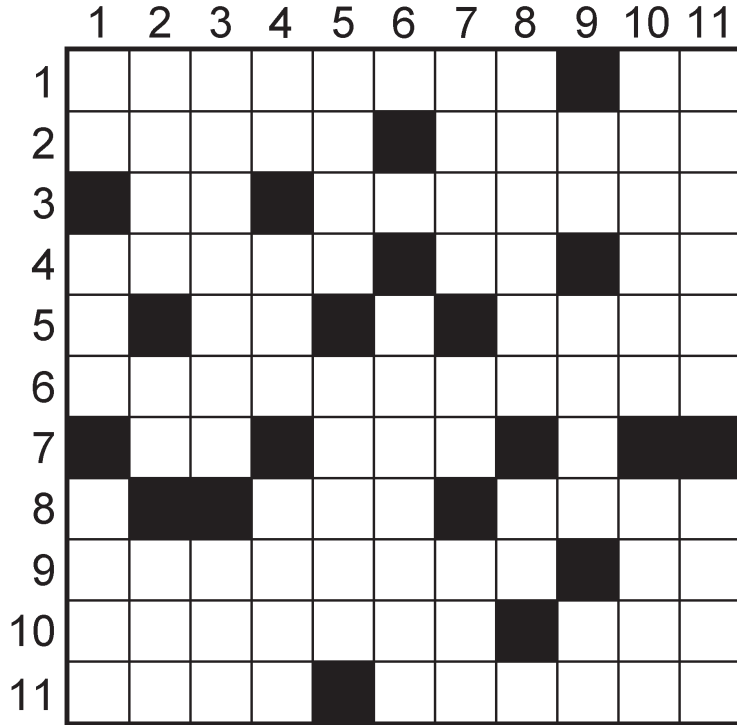
CRUZADAS 12.720

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAL: 1 - Principal eixo de trocas de 7,8 mil milhões na CPLP. Abreviatura de Terabyte (Informática). **2** - Fonte de (...), banhar-se nesta fonte dá direito a uma multa de 500 euros. Utensílio de madeira, com feito de fuso, com que se fazem rendas. **3** - Prefixo (afastamento). Que existe como possibilidade. **4** - Que usa pronúncia errada. O ente consciente. Símbolo de nordeste. **5** - Tecido fino como escumilha. Preço mais baixo. **6** - A sonda lunar lançada pela NASA que irá procurar água na Lua. **7** - Seguir até. Terceiro. **8** - Interjeição usada para reconhecer um erro ou um engano. Estômago (figurado). **9** - (...) Stanisic, perdeu a estrela Michelin mas não abdica de "um pouco de loucura". Artigo antigo. **10** - Regrar. "De focinho de (...) não se tira manteiga". **11** - Guarnecer com abas. Moleza.

VERTICAL: 1 - Portugal (Internet). Dígito binário. Espírito. **2** - Verbal. Graceja. Símbolo da persistência da fé perante a adversidade. **3** - Tornar rebelde. Graúda. **4** - Televisão. Tem por costume. Plataforma TVDE. **5** - Aulido. Recolheu mais de 69 mil toneladas de vidro, papel, metal plástico em 2024. **6** - Assustador (fig.). **7** - Inaugura. Decifrei. Fúria. **8** - Parte ilegível de um escrito, por se ter raspado ou rasgado. Presidente da República. **9** - Monte (...), é um dos centros espirituais da civilização chinesa. Pirose. Símbolo de centígrama. **10** - É a primeira grande retrospectiva de Rui Moreira e está no MAAT. Transeunte. **11** - Arredondar. Perfume.

Solução do problema anterior:

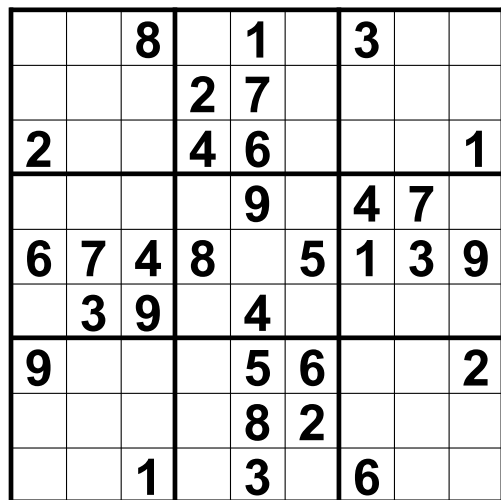


HORIZONTAIS: 1 - Luís. Lama. **2** - Usb. Cegonha. **3** - Coitada. Cal. **4** - Chi. **5** - Michelle. **6** - Soletrar. As. **7** - Adesão. Anui. **8** - AMOC. Era. **9** - Mali. Arame. **10** - Om. Cl. Brear. **11** - Salero. Ouro.

VERTICAIS: 1 - Luca. Salmos. **2** - Uso. Mod. Ama. **3** - Íbis. Leal. **4** - Mesmice. **5** - Capitão. Ir. **6** - Led. Croca. **7** - Agacha. Rb. **8** - Mo. Hera. Aro. **9** - Ancil. Nemeu. **10** - Ha. Laurear. **11** - Maltesia. Ro.

SUDOKU

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com



Problema 13.204
Dificuldade: Fácil

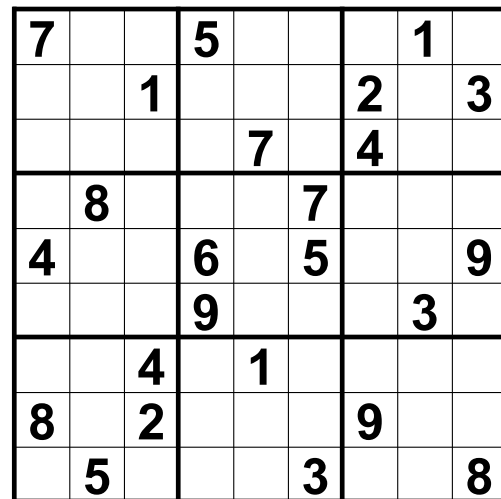
Solução do problema 13.202

1	9	3	5	4	8	7	6	2
5	2	4	6	7	3	9	1	8
7	8	6	1	2	9	4	5	3
3	1	8	9	6	4	5	2	7
9	6	5	2	1	7	8	3	4
2	4	7	8	3	5	1	9	6
8	3	9	4	5	6	2	7	1
4	7	1	3	9	2	6	8	5
6	5	2	7	8	1	3	4	9

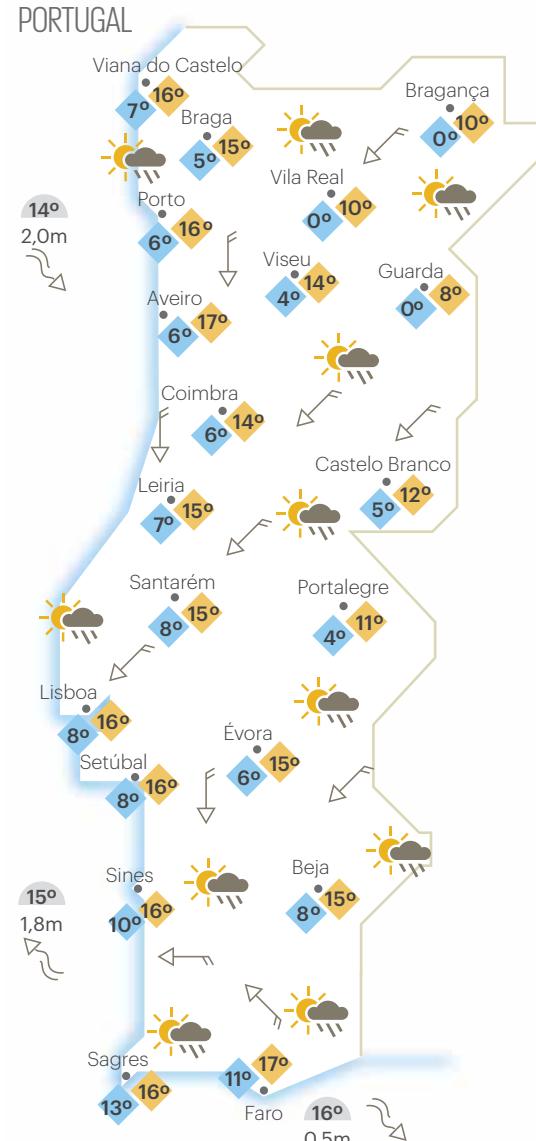
Solução do problema 13.203

5	6	9	8	1	7	4	2	3
4	2	7	3	9	5	8	1	6
1	8	3	4	2	6	9	5	7
3	5	4	2	7	9	1	6	8
9	7	2	6	8	1	3	4	5
6	1	8	5	3	4	7	9	2
8	3	5	9	4	2	6	7	1
7	4	6	1	5	8	2	3	9
2	9	1	7	6	3	5	8	4

Problema 13.205
Dificuldade: Muito difícil



TEMPO PARA HOJE



MARÉS

	Preia-mar	Baixa-mar	*de amanhã		
Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
10h28	0,3	10h04	0,4	09h57	0,3
16h38	3,6	16h16	3,6	16h23	3,5
22h42	0,3	22h17	0,5	22h10	0,3
05h00*	3,8	04h36*	3,8	04h44*	3,6

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; NOAA-ESRL

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

Segunda-feira, 3	Terça-feira, 4
9° 16°	11° 18°
Índice UV Médio	Índice UV Médio
Vento Fraco	Vento Fraco
Humidade 70%	Humidade 72%
Quarta-feira, 5	Quinta-feira, 6
11° 18°	11° 18°
Índice UV Médio	Índice UV Médio
Vento Fraco	Vento Fraco
Humidade 75%	Humidade 75%

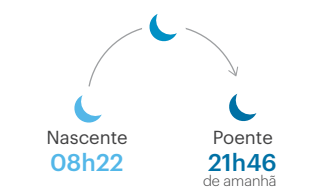
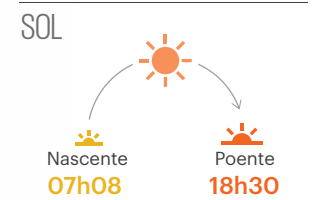
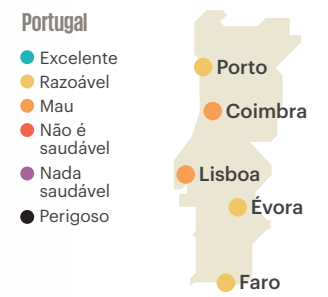
MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 23 Fev.	427,02
Há um ano	425,22
Há dez anos	401,33
Semana de 16 Fev.	427,67
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR



Estar bem



Um surpreendente benefício para a saúde quando bebe chá

A receita para a chávena de chá mais pura depende de um factor importante: o tempo. Quanto maior for o tempo de infusão, mais metal é removido

Amudalat Ajasa

Há muito que o chá é uma das bebidas mais populares do mundo. As pessoas bebem chá de manhã com o pequeno-almoço, entre as refeições para uma dose de energia à tarde e para relaxar antes de dormir. A maior parte da investigação sobre o chá centrou-se nos efeitos da cafeína, no valor nutricional do chá ou na sua comparação com o café, mas agora os cientistas afirmam que a bebida estimulante pode proporcionar um benefício surpreendente para a saúde: a sua chávena de chá matinal pode estar a remover contaminantes perigosos da sua água.

Um novo estudo, publicado na *ACS Food Science & Technology*, descobriu que as folhas de chá adsorvem naturalmente metais pesados, filtrando contaminantes nocivos da água como o chumbo, o cádmio ou o arsénico. Os metais ficam retidos na superfície das folhas de chá e podem ser removidos simplesmente filtrando as folhas ou deitando fora a saqueta de chá. Sim, leu bem, adsorvem e não absorvem – adsorver significa fazer com que uma substância se agarre à sua superfície, por oposição a absorver, em que a substância é absorvida.

“Está a retirar os metais da água com o chá, mas não consome as folhas de chá depois, e é por isso que funciona”, explica Benjamin Shindel, o principal autor do estudo, que na altura da investigação era um estudante de doutoramento na Northwestern University em Evanston, Illinois. Como as folhas de chá libertam substâncias químicas saborosas na água, criando uma bebida saborosa, são igualmente eficazes a retirar metais da água, continua.

O estudo de Shindel vem juntar-se a um pequeno conjunto de investigações que demonstram que o chá adsorve metais. Um estudo publicado em Novembro também descobriu que as folhas de chá removem metais pesados da água. Saddam Husain Dhobi, o principal autor, diz que esta investigação realça o valor do chá e “o seu potencial como um método seguro e eficaz para mitigar substâncias nocivas”.

No estudo de Shindel, os investigadores experimentaram uma variedade de chás, métodos de preparação e tempos de infusão, e examinaram a diferença entre o chá de folhas soltas e o chá ensacado.

E a receita para a chávena de chá mais pura depende de um factor importante: o tempo. Quanto maior for o tempo de infusão, mais metal é removido.

Por exemplo, os investigadores descobriram que, ao mergulhar uma chávena de chá média durante cinco minutos, houve uma redu-

ção de 15% nas concentrações de chumbo – e essa tendência foi consistente em todas as chávenas, quer as concentrações de chumbo fossem maiores ou menores. A preparação do chá durante a noite, um método comum para preparar chá gelado para a manhã seguinte, proporciona uma melhor purificação da água do que a infusão durante alguns minutos. Mas mesmo alguns minutos podem resultar numa remoção moderada de metais, avança Shindel.

Os investigadores também examinaram diferentes variedades de chá para determinar se proporcionavam quaisquer benefícios adicionais. Foram testados os chás preto e verde ensacados, bem como as folhas de chá inteiras, incluindo os chás verde, oolong, branco e preto. Os chás de ervas também foram testados quanto à sua capacidade de fazer com que os metais aderissem à superfície das folhas.

A maioria dos chás, incluindo os chás de ervas, teve um desempenho semelhante, com excepção das flores de camomila, que adsorveram mal os metais.

O estudo concluiu que as folhas de chá moídas têm um melhor desempenho, em comparação com as folhas inteiras, porque a moagem das folhas cria uma área de superfície adicional para atrair os contaminantes.

O tipo de saqueta de chá também é importante. As saquetas de chá de celulose, um material biodegradável e orgânico derivado das árvores, foram altamente eficazes na remoção de metais da água. As saquetas de chá de náilon, que podem libertar milhares de milhões de microplásticos, não tiveram um bom desempenho no estudo, e as saquetas de chá de algodão mostraram capacidades de adsorção triviais.

Mesmo assim, os benefícios relativos de diferentes saquinhos de chá e tipos de chá foram “marginais em comparação com o benefício de ter mais tempo”, esclarece Shindel.

Embora o investigador, que agora trabalha no Laboratório Nacional de Tecnologia Energética do Departamento de Energia, não possa dizer definitivamente qual seria o resultado para a saúde humana do consumo de chá, sugeriu que poderia levar a uma diminuição das doenças estreitamente relacionadas com a exposição a metais pesados.

“As pessoas devem estar conscientes do potencial que a preparação do chá tem para adsorver uma fracção dos metais e potencialmente outros contaminantes da água potável”, declara.

Exclusivo PÚBLICO/
The Washington Post

Um pioneiro e um crítico do conceptualismo

Protagonista da arte conceptual, Mel Bochner foi um crítico severo do termo e dos significados que alguns críticos lhe atribuíam. A (sua) arte conceptual tanto rejeitava o idealismo como o misticismo

José Marmeleira

Um crítico, um pioneiro e um protagonista da arte conceptual, Mel Bochner (1940, Pittsburgh) morreu no dia 12 de Fevereiro, com 84 anos. O artista, internado num hospital, não resistiu a complicações provocadas por uma queda. O seu desaparecimento foi anunciado pelas três galerias que representavam o seu trabalho: a Peter Freeman, Inc. (Paris e Nova Iorque), Fraenkel Gallery (São Francisco) e a Marc Selwyn Fine Art (Los Angeles).

Mas deixemos o mundo das galerias para, neste obituário, lembrar que Bochner não apenas integrou *Circa 1968*, a mostra inaugural do Museu Serralves, em 1999, como interveio, no âmbito da sua participação, numa das janelas do museu. Na página do Facebook do museu nacional pode ler-se inclusive que Mel Bochner foi o primeiro artista a trabalhar no espaço arquitetónico concebido por Álvaro Siza, tendo uma das suas obras (*Transparent and Opaque*, datada de 1968) sido adquirida pelo museu e integrada na colecção. Transcrevemos, a propósito, as palavras do próprio artista: “Eu vi este espaço em 1999 e fui o primeiro artista a trabalhar aqui, quando [Álvaro] Siza deu a chave a Vicent [Todolí], porque eu tinha de vir antes, pois não podia estar na abertura da exposição”.

Mel Bochner nasceu numa família judia tradicional, rodeado de tintas e pincéis. O pai era um pintor de letreiros e com ele aprendeu várias técnicas do ofício que, indirectamente, influenciariam a sua obra vindoura. Depois estudar na Carnegie Mellon University, em Pittsburgh, instalou-se, em 1964, em Nova Iorque, na qual virá a

conhecer outros futuros artistas: Dan Graham, Eva Hesse, Sol LeWitt ou Robert Rauschenberg. É também em Nova Iorque onde, na mesma década, se tornará professor na School of Visual Arts e, em 1966, realizará uma exposição colectiva que marcará a arte da segunda metade do século XX: *Working Drawings and Other Visible Things on Paper Not Necessarily Meant to Be Viewed as Art*. Quatro arquivedores, sobre plintos, continham 100 micas com fotocópias de trabalhos e papéis de colegas artistas que os espectadores podiam folhear.

Nesta colectiva, considerada uma das primeiras exposições da arte conceptual, surgiam já elementos que caracterizariam o seu trabalho. A saber: a ideia de série, de sistema ou de grelha. Um leitor rigoroso do modernismo, Bochner combinava as competências do crítico e do artista, e observava, nas suas obras, as verdades irrefutáveis dos teoremas, a aplicação material das coisas, a relação do espectador com o espaço, a forma escultórica e a instalação. O modo como, progressivamente, começou a explorar as questões da linguagem, as possibilidades do cubo branco e os limites da arquitectura enquanto organização material do espaço social (em especial na série *Measurements*, realizada entre 1968 e 1969, ou *Axiom of Indifference*, de 1972), despertariam a atenção de críticos e teóricos como Benjamin H. D. Buchloh, Yve-Alain Bois e Rosalind E. Krauss.

Protagonista da arte conceptual, Mel Bochner foi um crítico severo do termo e dos significados que



Mel Bochner 1940-2025 Artista plástico

alguns críticos lhe atribuíam. A (sua) arte conceptual rejeitava qualquer aproximação ao idealismo ou ao misticismo, ao mesmo tempo que insistia na importância da percepção e na presença da materialidade. Nos anos 1970, os seus trabalhos passaram a reunir texto e pintura, cor e palavras, numa apologia discreta da ambiguidade da experiência e numa recusa da interpretação definitiva e objectiva da arte. O fim? Colocar questões sobre o sentido do texto, da linguagem e da pintura. Cabia aos espectadores fazerem as suas próprias associações ou descobrirem afinidades por mais inusitadas que pudessem parecer.

Artista que trabalhou em pintura (fundindo-a com a linguagem), desenho, tipografia, fotografia e instalação, Bochner foi professor mais tarde na Universidade de Yale onde ensinou durante um longo período. Na já mencionada *Circa 1968*, no Museu de Serralves, o artista expôs livros de *Working Drawings and Other Visible Things on Paper Not Necessarily Meant to Be Viewed as Art*, a série *Transparence and opaque # 1-12*

(1968), *49 standards* (1969), *To count intransitive* (1972) e *Principle of detachment; New York Reading* (1972).

Do seu percurso recente, destacam-se retrospectivas no Carnegie Mellon University, Pittsburgh (1985); na Galeria de Arte da Universidade Yale (1995); no Art Institute of Chicago (2006 e 2022); na Whitechapel Gallery (Londres, 2012), que viajaria, em 2013, para o Haus der Kunst, Munique e para o Museu de Serralves; e o Jewish Museum, Nova Iorque (2014). O seu trabalho está representado nas colecções do Museum of Contemporary Art, Los Angeles; do Art Institute of Chicago; do Metropolitan Museum of Art, do Museum of Modern Art e no Whitney Museum of American Art, todos em Nova Iorque; da National Gallery of Art, Washington D.C.; do Tate Modern, Londres; e do Centre Pompidou, Paris. Em Portugal, o seu trabalho também foi visto na Fundação Calouste Gulbenkian, na exposição *Arte Americana do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque* (1979), organizada no âmbito das comemorações do 50.º aniversário do MoMA.

Crónica

Guia rápido dos nomeados para o Óscar de Melhor Filme 2025

A Complete Unknown (James Mangold)

Qual é a história aqui, exactamente? Que Bob Dylan era um génio? Que era um bocado irritante? Que era as duas coisas, e que ser essas duas coisas é interessante? *A Complete Unknown* prefere responder a outras perguntas. E se Bob Dylan tiver aspecto de órfão francês que passou a noite trancado numa loja vintage? E se, sempre que pegar numa guitarra, toda a gente à sua volta reagir como se ele tivesse acabado de inventar a electricidade? Há pelo menos sete cenas em que o resto do elenco assume a postura deslumbrada de Sam Neil em *Jurassic Park*, a ver os brontossauros pela primeira vez. Na verdade, estão apenas a ver Timothée Chalamet com peruca e óculos escuros, a ser famoso de maneira ligeiramente diferente da habitual. Se Dylan é incognoscível porquê insistir em conhecê-lo? A resposta do filme é a mesma que os fãs de qualquer coisa dão sempre: porque gostamos imenso dele. A devoção tem vantagens, mas também torna tudo mais embaraçoso para quem está de fora.

Dune, Parte Dois (Denis Villeneuve)

A melhor ficção científica é sempre um bocadinho estúpida, no melhor sentido da palavra. *2001: Odisseia no Espaço* é sobre a natureza da inteligência e o destino da espécie, mas também sobre um iPad carrancudo que sofre um esgotamento nervoso. *Blade Runner* é sobre os limites da alma humana, mas também sobre um gajo de gabardine a dar tiros em robots à chuva. *Dune* é sobre ciclos imperiais e convulsões messiânicas, mas também sobre o menino Francisco da Arábia, que aprende a montar minhocas gigantes. O problema é que Denis Villeneuve não acredita na estupidez. Acredita na seriedade. Acredita na grandiosidade. Acredita nas protecções de ecrã do Windows 7. *Dune, Parte Dois* é o que acontece quando entregam 300 milhões de euros a alguém que acha a areia interessante.

Wicked (Jon M. Chu)

Lembrete quinquenal de Hollywood sobre todas as razões para não gostar de musicais.

O Brutalista (Brady Corbet)

Há algo admirável neste catálogo de compromissos intransigentes: com o dogma de que não há nada mais estético do que um homem a chorar ao pé de cimento, com a ideia de que a parte mais importante do génio é ser incompreendido, com a intenção de ser épico quando se tem um orçamento igual ao do Moreirense. Não havia dinheiro, e nota-se (as cenas de multidão são sempre cinco desgraçados num plano fechado). De resto, pontos de bônus pela originalidade: é talvez o único filme dos últimos 50 anos que achou necessário explicar ao espectador o que é heroína e como funciona.

Conclave (Edward Berger)

Papa morto, anel quebrado, homens a sussurrar em corredores, esferas a rodar em ábacos de madeira, papéis a arder em taças de prata. O catolicismo é de longe a melhor religião para ornamentar narrativas ficcionais (até no terror, onde a única concorrência são alguns sincretismos omnívoros). É fácil perceber porquê. Eis uma instituição que passou dois mil anos a aperfeiçoar a estética da crença, reduzindo-a ao seu núcleo irreduzível de culpa, burocracia e adereços de renda – a melhor oferta disponível. *Conclave* percebe isto, mas não o suficiente, porque se deixa convencer que é sobre poder, em vez de procedimentos.

Emilia Pérez (Jacques Audiard)

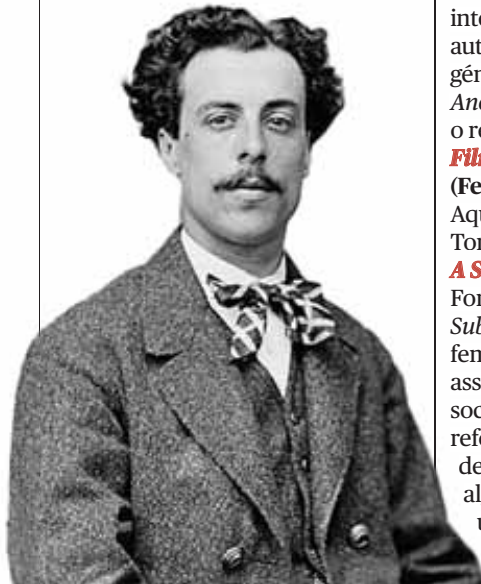
O filme não é sobre a reinvenção da personagem principal; é sobre a sua própria reinvenção, o seu desejo infinito, desordenado e contraditório de ser tudo ao mesmo tempo: um musical, um thriller, um melodrama, um editorial, um pesadelo, um discurso de agradecimento. *Emilia Pérez* não quer apenas aplausos, quer todo o tipo possível de aplausos ao mesmo tempo, mas sem explicar muito bem porquê. O que fica é um filme sobre transformação que nunca chega a ganhar forma.

Anora (Sean Baker)

O primeiro truque de *Anora* é que Ani é a protagonista mas o

Trabalhos de casa **Rogério Casanova**

Eu – com a sensibilidade que me caracteriza – percebi tudo imediatamente: Nickel Boys não é sobre personagens fictícias, é sobre mim, a pessoa menos fictícia do mundo, e finalmente candidato aos Óscares. Já não era sem tempo!



filme não é sobre ela, e sim sobre os outros: os homens sentados em cadeiras; o futuro e inútil ex-marido; os oligarcas que chegam do céu e cujas gargalhadas ou silêncios fazem os outros obedecer ou desaparecer. Naquele mundo, Ani é só um episódio breve, cómico e lamentável – uma coisa que aconteceu às outras pessoas.

O segundo truque é que ninguém no filme percebe em que tipo de história está enfiado. Tal como muitas personagens literárias clássicas (de Quixote a Emma Bovary) presumem fazer parte de um género quando na verdade habitam outros. Ani convence-se de que está num conto de fadas moderno onde tem privilégios de personagem principal, mas acaba figurante numa página de Raymond Carver. Ivan pensa estar numa *screwball comedy* e acaba num episódio de *Succession*. Os pais acreditam estar no *Padrinho* e aterram nos irmãos Coen (ou Safdie). Nem os capangas russos (os mais orientados) conseguem fixar o subgénero de crime onde se encontram – um pouco como o público, que foi teimando acreditar estar perante tragicomédia, ou neo-realismo, ou mais um drama voyeurista sobre o trabalho sexual, dirigida pelo e para o olhar masculino.

Mas *Anora* (ao contrário da falsa protagonista) vai-se escapando a todos estes aborrecidos pioneses. O que *Emilia Pérez* tenta fazer com intenção e desajeitada autoconsciência – misturar géneros, eludir expectativas – *Anora* faz semicidentalmente, e o resultado é muito melhor.

Filme com a Fernanda Torres (Fernanda Torres)

Aquele filme em que a Fernanda Torres.

A Substância (Coralie Fargeat)

Fomos enganados sobre *A Substância*. Não é uma sátira feminista a padrões de beleza assimétricos ou expectativas sociais irrealistas, nem uma reformulação dos velhos contos de duplos e *doppelgängers*, mas algo muito mais elementar: uma dramatização do conflito permanente entre quem somos e quem éramos.

Os nossos eus mais novos eram idiotas, e é natural que desprezemos quem tomou aquelas decisões incompreensíveis e acreditou naquelas coisas absurdas. Os nossos eus mais velhos? Sabemos que nos vão colonizar o corpo, pedaço a pedaço, e supervisionar o seu apodrecimento, e ainda têm a lata de nos chamar nomes.

Muitos dos cálculos diários que fazemos são fractais da escolha maior: prefiro sentir-me bem agora ou mais tarde? Do produto dessas escolhas faz-se um eterno presente ilusório, em que estamos sempre a pagar as dívidas metabólicas de um eu passado (que nos sabotou) ou a fazer sacrifícios em benefício de um eu futuro (que nos vai lembrar com rancor). *A Substância* abstrai essa escolha e condensa-a no ciclo circadiano, onde a intuimos primeiro. Poucos filmes representaram tão bem o que é uma ressaca e como nos faz odiar a pessoa que a planeou na noite anterior.

Nickel Boys (RaMell Ross)

De todos os nomeados, *Nickel Boys* foi o que mais me tocou, talvez por ter sido feito especificamente para mim. Cada personagem parecia ciente da minha presença. Muitas falaram comigo, alguns olhando-me directamente nos olhos. A câmara insistia em procurar-me, como se o propósito do filme fosse registar cada alteração na minha postura. Mais ou menos a meio, tive uma epifania: o cineasta, seja ele quem for, deve ter sabido que eu vinha ver isto. Não há outra explicação. Cada plano confirmava que eu não era apenas um espectador do filme, mas a sua razão de ser.

Um crítico menor poderia ter achado isto fatigante, ou até pretensioso, mas eu – com a sensibilidade que me caracteriza – percebi tudo imediatamente. *Nickel Boys* não é sobre personagens fictícias, é sobre mim, a pessoa menos fictícia do mundo, e finalmente candidato aos Óscares. Já não era sem tempo! Foi uma experiência profunda e comovente, e só posso supor que o realizador ficará encantado ao saber da minha reacção positiva.